
ENSINO MÉDIO

– 2º ANO –

LÍNGUA

PORTUGUESA:

LITERATURA

VOLUME 2

Apostila do 2º ano do Ensino Médio, escrita pelo Instituto São Carlos Borromeu. O conteúdo é indicado para estudo individual domiciliar, apoio escolar ou como material didático escolar.



The image shows a decorative book cover. It features a wide, ornate border with a repeating floral and vine pattern. The border is composed of several layers: an inner floral band, a middle band with a diamond lattice pattern, and an outer band with pointed motifs. In the center of the cover is a large, empty rectangular frame. Within this frame, there is a decorative element consisting of two curved lines forming a semi-circle, with a horizontal bar across the middle. The text "LITERATURA – VOLUME 6" is printed on this bar. The entire design is rendered in a dark brown color on a light background.

LITERATURA – VOLUME 6



AULA 21

SÃO BOAVENTURA – NOTA BIOGRÁFICA



“São Tomás, cognominado o Anjo da escola, tinha um amigo íntimo, igualmente santo, um doutor e um religioso, não, porém, da mesma ordem. [...] Foi cognominado Doutor Seráfico, por causa da devoção extraordinária, da ardente caridade e do conhecimento profundo que tinha das ciências eclesiásticas.”

Padre Rohrbacher



ascido na Toscana, seus pais – João de Fidenza e Maria Ritelli – eram católicos piedosos; foi batizado também como João, mas recebeu o nome Boaventura após o seguinte evento: com quatro anos foi acometido por uma doença grave que fez com que os médicos perdessem a esperança de salvar sua vida. Sua mãe, lançou-se aos pés de São Francisco de Assis, implorando-lhe que intercedesse por ele a Deus e o curasse. Comovido, São Francisco pôs-se em oração e a criança ficou completamente curada.

“Tendo-o visto, quando estava prestes a terminar a vida mortal, predisse-lhe todas as graças com que a divina misericórdia o cobriria e exclamou de repente num êxtase profético: *Ó buona ventura!* Palavras que

significavam: Ó feliz acontecimento! Daí vem o nome de Boaventura dado ao santo.” (Padre Rohrbacher, 1959, v. XIII, p. 10)

Sua mãe, cheia de gratidão, consagrou-o ao Senhor e acostumou-o à prática da renúncia, da humildade e da obediência, e ele correspondia a tudo. Foram extraordinários os progressos que fez nos estudos, mormente no que concernia aos Santos, aos títulos que pertencem a Deus e aos meios de viver exclusivamente para ele.

Quando completou vinte e dois anos, entrou para a Ordem de São Francisco – como ele mesmo diz no prólogo da obra que escrevera sobre a vida do Santo – por gratidão pelo que lhe fez, já que, segundo fora descrito, pelas orações e fervor, Francisco lhe conservou a vida.



São Boaventura recebendo o hábito dos franciscanos, pintura de Francisco de Herrera el Viejo.

Mandaram-no a Paris para dar continuidade nos estudos com intelectuais renomados (Alexandre Hales, considerado Doutor Irrefragável, e após sua morte, João de La Rochelle, seu sucessor).

“Tornou-se muito hábil no conhecimento da Filosofia Escolástica e nas partes mais sublimes da Teologia; mas referia todos os seus estudos à glória de Deus e à santificação da alma e tinha o cuidado de se premunir contra a dissipação e uma vã curiosidade; por isso, soube conservar em si o espírito de recolhimento e de oração. Jamais desviava de Deus a atenção; invocava as luzes do Espírito Santo, no começo de cada uma de suas ações; nutria o fervor com frequentes aspirações, que tornavam contínua a oração. A recordação das chagas de Jesus Cristo que eram o objeto ordinário de suas meditações, inflamava-o de amor pelo Salvador; imaginava ver o nome em tudo o que lia e muitas vezes, os olhos se lhe enchiam de lágrimas.” (Padre Rohrbacher, 1959, v. XIII, p. 11)

Santo Tomás de Aquino o visitou e perguntou a ele em quais livros havia absorvido seu conhecimento. Ele respondeu:

Eis, mostrando-lhe o crucifixo, eis a fonte onde vou haurir meus conhecimentos.

Estudo Jesus e Jesus crucificado.

(Padre Rohrbacher, 1959, v. XIII, p. 12)

Seu primeiro tutor, Alexandre de Hales, costumava dizer que Boaventura não parecia ter o pecado de Adão, pois sua vida foi tão pura e suas paixões tão ordenadas, decorrentes de seu espírito de mortificação, que parecia mais uma criatura angélica.

Apesar da constante e tremenda austeridade com que tratava a si mesmo, meio pelo qual conservava sua inocência diante da decadência do mundo, em sua expressão facial estava sempre empregada uma alegria contida. Repetia demasiadamente a seguinte máxima:

A alegria espiritual é o sinal mais certo da graça de Deus que habita numa alma.¹

“À prática da mortificação acrescentava a das maiores humilhações. Se se tratava de servir aos doentes, procurava sempre exercitar os misteres mais baixos e repugnantes. Não temia expor a vida, dedicando-se àquelas cujas doenças eram mais perigosas e mais capazes de causar repugnância à natureza. A humildade só lhe fazia descobrir em si mesmo imperfeições e faltas e tinha um cuidado extremo em ocultar o que lhe poderia atrair a estima dos homens. Quando o brilho das virtudes o traía contra sua vontade, abraçava novas humilhações para diminuir a alta ideia que dele se concebia ou pelo menos, para mortificar-se contra o veneno da vanglória e satisfazer o amor que tinha pela abjeção. A crermos nele, era o mais indigno dos pecadores, não

1 Padre Rohrbacher, 1959, p. 368 *apud* Specul. discipul. pars I, c. III.

merecendo respirar o ar, nem viver sobre a terra.” (Padre Rohrbacher, 1959, v. XIII, p. 13)

Nos atos de sua canonização, está narrado o seguinte fato:

“Muitos dias se haviam passado, sem que ousasse apresentar-se à Mesa Sagrada; mas, enquanto ouvia a missa e meditava na Paixão de Jesus Cristo, o Salvador, para coroar-lhe a humildade e o amor, colocou-lhe na boca, pelo ministério de um anjo, uma parte da hóstia consagrada que o padre tinha nas mãos.” (Padre Rohrbacher, 1959, v. XIII, p. 13-14)

Após esse acontecimento prodigioso, passou a comungar com mais frequência e, em cada uma das vezes, obtinha doces consolações. Preparou-se com jejuns, orações e boas obras para receber o Sacramento da Ordem, desejoso de obter graças proporcionais às funções sublimes que se preparava para desempenhar.

“Todas as vezes que subia ao altar, viam-se, pelas lágrimas e pelo exterior, os sentimentos de humildade e de amor com que os oferecia; tinha em mãos e recebia na alma o Cordeiro sem mancha. Fez, para sua ação de graças, depois da missa, a bela oração que começa por estas palavras: *Transfige, dulcissime Domine*, e cuja recitação a Igreja recomenda a todos os sacerdotes que acabam de celebrar o santo sacrifício.” (Padre Rohrbacher, 1959, v. XIII, p. 14)

TRANSFIGE, dulcissime Domine Iesu, medullas et viscera animae meae suavissimo ac saluberrimo amoris tui vulnere, vera serenaque et apostolica sanctissima caritate, ut langueat et liquefiat anima mea solo semper amore et desiderio tui, te concupiscat et deficiat in atria tua, cupiat dissolvi et esse tecum.

Da ut anima mea te esuriat, panem Angelorum, refectionem animarum sanctarum; panem nostrum cotidianum, supersubstantialem, habentem omnem dulcedinem et saporem, et omne delectamentum suavitatis. Te, in quem desiderant Angeli prospicere, semper esuriat et comedat cor meum, et dulcedine saporis tui repleantur viscera animae meae; te semper sitiatur fontem vitae, fontem

FERI, ó dulcíssimo Senhor Jesus, o mais íntimo e profundo de meu ser com o dardo suavíssimo e salutar do Vosso amor, com aquela verdadeira, inalterável, santíssima e apostólica caridade, a fim de que a minha alma se enlanguesça com o único desejo de sempre crescer em vosso amor.

Que eu Vos ame intensamente, que desfaleça nos Vossos átrios e deseje dissolver-me em Vós e ser um Convosco. Que minha alma tenha fome de Vós, ó Pão dos Anjos, alimento das almas santas, Pão nosso de cada dia, supersubstantial, que tem toda doçura e sabor, e todo leite de suavidade. Ó Vós a Quem os Anjos desejam contemplar!

Que o meu coração sempre tenha fome e se alimente de Vós, e que as entranhas do

sapientiae et scientiae, fontem aeterni luminis, torrentem voluptatis, ubertatem domus Dei. Te semper ambiat, te quaerat, te inveniat, ad te tendat, ad te perveniat, te meditetur, te loquatur, et omnia operetur in laudem et gloriam nominis tui, cum humilitate et discretionem, cum dilectione, et delectatione, cum facilitate et affectu, cum perseverantia usque in finem; ut tu sis solus semper spes mea, tota fiducia mea, divitiae meae, delectatio mea, iucunditas mea, gaudium meum, quies et tranquillitas mea, pax mea, suavitas mea, odor meus, dulcedo mea, cibus meus, refectio mea, refugium meum, auxilium meum, sapientia mea, portio mea, possessio mea, thesaurus meus, in quo fixa et firma et immobiliter semper sit radicata mens mea et cor meum. Amen.	meu ser sejam repletas com a doçura de Vosso sabor. Que só de Vós tenha sede, ó fonte da vida e da sabedoria e da ciência e da luz eterna, torrente de delícias, riqueza da casa de Deus. Só por Vós anseie, só a Vós procure, só a Vós encontre, só para Vós tenda e Vos alcance. Só medite em Vós, só de Vós fale, e tudo o que fizer seja para louvor e glória do Vosso nome, com humildade e discrição, com amor e deleite, com bondade e afeto, com perseverança até o fim. Sede, Senhor, minha única esperança, toda minha confiança, minhas riquezas, meu deleite, meu encanto, minha alegria, minha quietude e tranqüilidade, minha paz, minha suavidade, meu perfume, minha doçura, meu pão, meu alimento, meu refúgio, meu auxílio, minha sabedoria, minha partilha, meus bens, meu tesouro. Somente em Vós minha alma e meu coração estejam radicados de modo fixo, firme e inamovível. Assim seja.
---	---

O rei São Luís IX tinha por São Boaventura pessoal estima; sempre o consultava sobre seus negócios mais difíceis. Para uso próprio, pediu-lhe que compusesse um ofício da Paixão de Jesus Cristo. Boaventura escreveu, assim como uma regra para Santa Isabel, irmã do rei, e para seu mosteiro regido pelas normas das clarissas.

“Seu livro *du Gouvernement de l’âme*, suas *Méditations* para cada dia da semana e a maior parte de seus outros pequenos tratados foram ainda escritos a pedido de diversas pessoas da corte, que faziam profissão de piedade. Reina em todas as suas obras uma união que comove os corações mais insensíveis. O santo doutor encerra em poucas palavras um grande sentido; cada palavra faz nascer os mais belos sentimentos. Não poderíamos ler demasiadamente suas meditações sobre os sofrimentos do Homem-Deus; sentiríamos como que passarem a nós os afetos ardentes que experimentava à vista de um mistério que é o prodígio da misericórdia divina, que oferece um modelo perfeito de virtude, e que é fonte de todo bem.” (Padre Rohrbacher, 1959, v. XIII, p. 15-16)

Todas as vezes que pensava na futura união de sua alma com Deus, na bem-aventurada morada eterna, tornava-se visível aos homens a alegria que sentia.

Dizia ele que:

Deus, os espíritos bem-aventurados e todos os habitantes da corte celeste, nos esperam com impaciência e desejam o momento em que estaremos juntos, em sua felicidade. Poderíamos não desejar com toda a alma, sermos admitidos em sua santa companhia? Qual será nossa confusão quando aparecermos diante deles, se, neste vale de lágrimas não tivermos elevado a alma acima dos objetos visíveis, para sermos já, na disposição do coração, habitantes dessa região feliz!

Apesar de sua tendência ao recolhimento e exercícios acerca da vida interior, não deixava de tomar seus deveres para si e santificar suas ações externas, para maior glória de Deus e bem das almas. Contudo, a inesperada escolha que o elegeu para Ministro Geral da Ordem Franciscana em 1256, prostrou-lhe “por terra, com os olhos banhados de lágrimas, para implorar o socorro de Deus na contingência em que se encontrava”.

Encaminhou-se para Roma, onde se deparou com o legado de São Francisco perturbado por uma severa e inflexível observância da Regra. São Boaventura restaurou com calma e com suas exortações seu espírito. A posteriori, escreveu sobre a vida de São Francisco, obra intitulada de “Legenda Maior: Vida de São Francisco de Assis”.

“Quando São Boaventura estava na Itália, reuniu todas as memórias de que tinha necessidade, para escrever a vida de São Francisco; foi aos lugares, interrogou as pessoas que tinha sido testemunhas dos principais fatos que ele narra. Lendo essa vida, nota-se que o autor estava cheio de virtudes heroicas, que tinham brilhado em seu bem-aventurado pai. São Tomás veio visitá-lo um dia quando ainda escrevia a obra, e viu-o pela porta da cela, completamente absorto na contemplação. ‘Retiremo-nos, disse, então, e deixemos um santo escrever a vida de um santo.’” (Padre Rohrbacher, 1959, v. XIII, p. 19)

Em Pisa, durante um Capítulo Geral da Ordem Franciscana, São Boaventura manifestou sua grandiosa devoção à Santíssima Virgem Maria, compôs orações cuja



Pintura de Francisco de Herrera el Viejo.

expressão transparecem os respeitosos sentimentos de seu coração. Encontramos, por exemplo, a seguinte sentença:

“Rainha dos Céus, vós que, em virtude de vossa prerrogativa de Mãe de Deus, podeis ordenar as autoridades do Inferno, impedi os demônios de causar-nos dano, e fazei que os Anjos nos protejam e nos preservem de todo mal e perigo. Amém.”

Foram abundantes em quantidade e em qualidade a herança deixada por ele aos filhos da Santa Igreja.

“Pode-se ver, na História da Igreja, como São Boaventura com seu amigo São Tomás e outros, procurou conciliar todas as ciências, principalmente a filosofia pagã com a doutrina cristã. Como São Boaventura em seu *Itinéraire de l’âme vers Dieu*, São Tomás, em sua doutrina sobre a graça, o autor da Imitação sobrepujam Bossuet, Fénelon, Malebranche e Pascal.” (Padre Rohrbacher, 1959, v. XIII, p. 23)

Adoeceu após a terceira sessão do Concílio de Lyon, não tendo mais forças para dar continuidade à vida prática, ocupando-se aos exercícios de piedade.

“A serenidade que lhe transparecia no rosto revelava a tranquilidade de sua alma. O Papa administrou-lhe o sacramento da Extrema-Unção, como prova a inscrição que se via ainda em 1731, no quarto onde morreu. Durante a enfermidade, sempre conservou os olhos presos ao crucifixo. A bem-aventurada morte deu-se no domingo, 15 de julho de 1274. Estava no seu quinquagésimo-terceiro ano de vida, e foi chorado por todo o concílio, pela doutrina, eloquência, virtudes e maneiras tão amáveis, que conquistavam o coração de todos os que o viam.”

(Padre Rohrbacher, 1959, v. XIII, p. 23)

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Qual a origem do nome do Santo?
2. Quem foi Alexandre de Hales e o que este homem dizia a respeito do Doutor Seráfico?
3. Explique o que foi para São Boaventura as práticas de mortificação?
4. Como tudo lhe foi assimilado através de Cristo crucificado, sua busca pela humildade contava com raízes profundas em sua alma. Registre, a partir do texto lido, outros dons ou virtudes semelhantes (isto é, de acordo com o mesmo princípio afirmado).
5. Considerando o contexto atual da sociedade, de que maneiras os exemplos dados por São Boaventura podem ser aplicados hoje?



AULA 21

O ROMANTISMO NO BRASIL



Romantismo é, possivelmente, o período literário, em toda a história da literatura universal, que foi não só mais abrangente como mais influente e determinante para a transformação no modo de escrever, para a transformação no conteúdo e nos propósitos da escrita das obras. Assim, o historiador da literatura Afrânio Coutinho, em sua obra “A Literatura no Brasil, vol. 03”, apresenta o Romantismo como um amplo movimento internacional, unificado pela prevalência de caracteres estilísticos comuns aos escritores do período. É, portanto, um estilo artístico.” e segue: “é, ademais, um conjunto de atividades em face da vida, é um método literário.”

Concorre, assim, duas coisas: o Romantismo ocasionou transformações relevantes na literatura e tais transformações percorreram todo o globo.

Ao primeiro olhar, não existe grande complexidade nas obras românticas, pois a tendência natural é associar o gênero literário com o conceito de “romance” com a ideia de “amor” e “paixão”. Assim, os romances seriam tão somente as narrativas literárias que abordam esses temas, ou ainda, seriam as narrativas que refletem, de modo a exagerar, esses temas. Todavia, tal entendimento pode ser considerado válido se for algo preliminar, pois o Romantismo foi além disso.

O ESTADO DA ALMA DO ROMÂNTICO

Aquele que decide por voltar o olhar e contemplar, como se fosse um ídolo, um sentimento humano ou algo ou alguém que representa um determinado sentimento humano, ou é causa de um sentimento humano, só pode ser detentor de alguém cujo estado da alma se desaproxima do que qualificamos como alma sã: a alma que se volta para seu Criador, para fins de o louvar.

O romantismo não se restringe a expressão dos sentimentos humanos, mas, sem dúvidas, esta é uma marca característica do período. Desse modo, escreve Afrânio Coutinho: “No estudo do Romantismo, há que estabelecer primeiramente uma distinção entre o estado de alma romântico e o movimento ou escola de âmbito universal que o viveu entre os meados do século XVIII e o século XIX. O estado de alma ou temperamento romântico é uma

constante universal, oposta à atitude clássica, por meio das quais a humanidade exprime sua artística apreensão do real.”

O que quer, portanto, o romântico? A princípio, ele deseja exprimir o real, isto é, uma experiência concreta que ele viveu. Decorre, assim, algumas características que definem o Estado da Alma do Romântico. Elas são:

- exaltação;
- paixão;
- melancolia;
- idealização;
- entusiasmo;
- relativismo.

A exaltação, a paixão, a melancolia, o entusiasmo e o relativismo são sujeitas à idealização; isto é, dependem dela.

Quanto o Jovem Werther, personagem de Johann Goethe, na obra “O Sofrimento do Jovem Werther”, se alegra, a alegria é consequência de uma idealização que ele fez; quando se entristece e expressa outros sentimentos humanos, também. Concorre, dessa forma, que a relativização romântica é sempre ao que o sujeito sente. Assim se define o espírito romântico.

O ROMANTISMO COMO MOVIMENTO

O Romantismo foi dividido, segundo alguns autores, em vários períodos. Durante eles, porém, permeiam alguns traços em comum que ora são maiores e ora menores. Os traços² são os seguintes:

- Individualismo e Subjetivismo: o romantismo nas letras é, sempre, muito pessoal, pois trata-se da expressão do mundo visto através da personalidade do artista. Nisto está, seguramente, a definição mais precisa da essência do romantismo.
- Ilogismo: a atitude romântica é ilógica e ela brinca no oscilar dos polos: ora o poeta é melancólico, ora um entusiasta de algo e, portanto, alegre.
- Senso do Mistério: o espírito romântico é atraído pelo mistério de existência. Nas palavras do filósofo Mário Ferreira dos Santos, o que configura o mistério é, obrigatoriamente, algo sublime ao olhar humano. Assim, concorre que o mistério do

² Os traços que se seguem também podem ser observados como característica pertencente à alma dos românticos.

romântico é sempre exposto para fins de ser decifrado ou meramente apresentado ao leitor.

- Escapismo: remete ao desejo romântico de fugir, de algum modo, da realidade que o cerca. Assim, são várias as obras que recriam um mundo novo ou expõe a transformação de um determinado personagem, pois, ele próprio viveu em um mundo novo.³
- Reformismo: O escapismo surge por algo idealizado. Não tarde, pois, até que a coisa idealizada faça surgir um desejo de implementação no mundo real. Assim é o espírito de alguns românticos: pregam reformas e revoluções em prol da implementação do seu mundo ideal.
- Sonho: Se há idealização e reforma, há sonho. Em lugar do mundo conhecido, o romântico quer implementar algo diferente ou, no mínimo, sonha com algo diferente que, por vezes, ele exprime através das suas obras literárias.
- Fé: A fé é o que comanda o espírito romântico. Esta fé, todavia, não reside, necessariamente, em Deus⁴.
- Culto da Natureza: valorizada e, após, supervalorizada pelos românticos, a natureza era vista como um local de fuga; ao mesmo tempo, era vista como fonte de inspiração para as composições.
- Refúgio na História (passado).
- Exagero: na composição romântica já uma sucessão de exageros que podem ser de quaisquer características anteriormente mencionadas.

A FORMA ROMÂNTICA

Antes do advento do romantismo literário, a literatura era mais “sólida” em sua forma, determinada por cada tipo de gênero literário. Ou seja: fábulas eram curtíssimas e tinham animais, contos eram maiores que as fábulas e transmitiam lições de moral, sobretudo... Com o advento do romantismo, isso mudou.

O romantismo foi, dessa forma, um grande incentivador de uma mistura: as antigas classificações, separações, regras, assuntos; determinados pelos autores Clássicos, revividos

³ São infinitas as obras que, a partir deste princípio, se consagraram no tempo. Seja literatura infanto-juvenil ou literatura para adultos, devido a complexidade, o princípio deu forma a mais de uma narrativa. Por exemplo: Robinson Crusoé, de Daniel Defoe, mostra a transformação do Homem com base na vivência do “Mito do Bom Selvagem” de Rousseau, segundo os críticos literários (o que é uma interpretação equivocada, pois a transformação de Crusoé decorre da sua conversão na ilha deserta e de suas artimanhas para sobreviver). Outro exemplo: Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley, consagrada obra no gênero das Distopias literárias, também mostra a transformação do homem como consequência de se viver em um “Mundo Ideal”.

⁴ Mesmo o mais boêmio e perdido dos homens possui a virtude teologal da Fé, pois ela foi implantada pelo próprio Deus na alma de cada um de nós. Por pior que seja o “espírito romântico” ou o “estado da alma” do romântico, ele deposita sua fé em algo.

pelos neoclássicos, foram, pois, ignoradas. Tudo isso em nome de uma maior liberdade criadora.

A semente que fez germinar a liberdade criadora é apresentada por Afrânio Coutinho nas seguintes palavras: “A partir do conceito de que a poesia se origina no coração, onde reside a suprema fonte, e de que à arte cabe apenas a operação de fazer versos, o Romantismo reduz toda a poesia ao lirismo, como a forma natural e primitiva, oriunda da sensibilidade e da imaginação individuais, da paixão e do amor. Poesia tornou-se sinônimo de autoexpressão.”

O mesmo ocorreu com os demais gêneros. A diferença é que a poesia permaneceu muito subjetiva; já os demais gêneros se tornaram subjetivos, mas com a subjetividade implícita em uma extensa narrativa.

LINHAS OU TENDÊNCIAS QUE SEGUEM AS OBRAS ROMÂNTICAS

São inúmeros os termos que abordam os subgêneros dos romances. No presente material, as nomenclaturas vão desvirar das utilizadas por Afrânio Coutinho e Massaud Moises, além da experiência de leitura do professor.

Assim, são subgêneros dos romances os seguintes:

- Romances de suspense/policiais/criminais/investigativos: são as obras cujo enredo se centra em uma trama que envolve mocinhos e criminosos. São obras de fácil leitura e de puro entretenimento⁵
- Romances “românticos”: são as obras que vão enfatizar o desenvolvimento e a expressão de um sentimento humano, que pode ser amoroso, melancólico, bucólico etc.⁶ A leitura é fácil ou mediana a depender do grau de profundidade e do modo que o autor exprime o sentimento humano a partir da personagem.
- Romances dramáticos/existenciais: são as obras da literatura que almejam expor alguma questão que é (ou foi) causa do pensamento, reflexão e meditação de tantos autores. Geralmente, o literato escolhe uma que lhe é importante e cujas respostas apresentadas até então são, por ele, consideradas insuficientes. Através do que vive a personagem, a questão é exposta. São livros de leitura mediana ou difícil a depender da questão que o autor aborda e exprime no decorrer do enredo.⁷

⁵Arthur Conan Doyle e Agatha Christie são os responsáveis por popularizar o gênero. Sua obra, como já dito anteriormente, é de puro entretenimento.

⁶ O sofrimento do Jovem Werther de Goethe é um exemplo excelente para representar tais romances.

⁷ A esse respeito, a obra “O Amanuense Belmiro” de Cyro dos Anjos é um exemplo brilhante, pois o autor investiga um drama humano comum que foi, antes, apresentado por um personagem de Goethe na obra “Fausto”. O livro de Cyro dos Anjos, dialoga, pois, diretamente com Fausto, na medida em que

52 | Língua Portuguesa – Literatura em Língua Portuguesa – Volume 6

- Romances históricos: são os romances que se utilizam de personagens reais para construir uma narrativa de ficção. São obras de fácil leitura.
- Romances realistas/naturalistas: são as obras que almejam expor um conjunto de características da realidade humana. O primeiro busca a realidade como ela é, o segundo busca a realidade através do que há de pior no ser humano: os desejos carnis e materiais.⁸ São obras de leitura fácil, mediana ou difícil, a depender do modo que o autor exprime a realidade.

O ROMANTISMO NO BRASIL

No Brasil, o Romantismo se consolida em meados de 1836. Mas, antes, já havia aspirações consideradas como “pré-românticas”. Escreve Afrânio Coutinho: “o progresso geral do país durante a fase da permanência da Corte Portuguesa (1808-1821), imediatamente seguida pela independência (1822) teve indiscutível expressão cultural e literária. O Rio de Janeiro tornou-se, além da sede do governo, a capital literária, e, com a liberdade de prelos, desencadeou-se intenso movimento de imprensa por todo o país, em que se misturavam a literatura e a política numa feição bem típica da época [...]. Não se pode desdenhar o PayPal que teve a imprensa literária e política na fase da gênese do Romantismo no Brasil. [pois], através do jornalismo o incipiente e rarefeito meio cultural brasileiro mantinha-se em contato espiritual com os grandes centros estrangeiros.”

São dois os pontos principais que Afrânio aborda: 1º o da vinda da corte e independência; 2º o papel da imprensa.

A independência do Brasil é um marco político que representa o anseio de ser, genuinamente, brasileiro; ou ainda, o princípio da busca pela resposta do que é ser brasileiro.⁹ Essa questão permeia as letras que, intelectualmente, se nutrem do estrangeiro, para guiar a busca em direção a uma resposta. Assim, configura-se o Romantismo no Brasil em algum ponto entre 1808-1836, pois, literariamente, um movimento só se consolida com a sucessão de gerações sobre gerações na linha temporal.

GRUPOS DO ROMANTISMO BRASILEIRO

Primeiro grupo: o Pré-Romântico (1808-1836): consiste em uma variedade de tendências, temas e ideias sem formar uma doutrina literária uniforme. Há influências tanto

busca responder o maior problema e questão de toda a humanidade: “o problema do fausto”, isto é, a condição humana frente a tentação demoníaca. Outros exemplos: o conto “O Espelho” de Machado de Assis, que investiga a alma humana, e a obra “Angústia” de Graciliano Ramos que explora o drama da obsessão.

⁸ A esse respeito, é exemplo a obra de Gustave Flaubert: “Madame Bovary”, como marca significativa do Realismo, e a obra de Júlio Ribeiro, intitulada “A Carne” do naturalismo.

⁹ Trata-se de uma questão historiográfica explorada pelos seguintes historiadores: Von Martius, Oliveria Lima, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda

do classicismo quanto do arcadismo, juntamente com elementos novos que apontam para o romantismo. Algumas características românticas começam a aparecer, seja como predecessores, precursores ou figuras de transição, anunciando, preparando ou transmitindo as qualidades românticas. Muitas das figuras desse período, por sua falta de características distintivas, atravessam o romantismo como amadores ou marginais, utilizando recursos formais ou temáticos sem alcançar plenamente sua realização.

A influência portuguesa gradualmente dá lugar às influências francesa e inglesa. Durante esse período, há uma intensa produção jornalística (tanto política quanto literária, frequentemente combinadas), eloquência tanto secular quanto religiosa, poesia lírica, história e ciências naturais. Este período inclui principalmente figuras nascidas antes de 1820.

O romantismo, por sua vez, é marcado pelo primeiro grupo, iniciado pelo grupo fluminense com o Manifesto Romântico de 1836 na Revista Brasiliense, publicado em Niterói. Há tendências contraditórias, com resquícios classicistas ao lado de uma marcha deliberada em direção à nova estética romântica. Elementos como poesia religiosa e mística, nacionalismo, influências inglesas e francesas, novos temas e aspirações espirituais marcam esse período. Há um crescente interesse pela ficção, pela natureza e pela cultura em geral, incluindo ciências, filosofia, história e sociologia, além da poesia lírica ser o gênero preferido. A ficção e o teatro também começam a se desenvolver, assim como o jornalismo.

O segundo grupo do romantismo (1840-1850): inclui figuras que podem ter pertencido ao grupo anterior ou que ainda mantêm laços com o classicismo e o lusitanismo. No entanto, eles formam um grupo distintivo e diversificado. Destacam-se a descrição da natureza, o panteísmo, a idealização do selvagem, o indianismo como expressão original do nacionalismo brasileiro, e a luta do selvagem como símbolo do espírito e da civilização nacionais contra a herança estrangeira. Há influências de autores como Chateaubriand, Fenimore Cooper e Walter Scott. A narrativa, a ficção, o teatro, a crítica, a história e o jornalismo continuam a ser áreas de interesse nesse período.

No terceiro grupo (1850-1860), observamos o surgimento do individualismo e do subjetivismo na literatura, acompanhados por sentimentos de dúvida, desilusão, cinismo e negativismo boêmio, caracterizando o que se chamou de "mal do século". A poesia dessa época segue uma linha influenciada por autores como Byron, Musset, Espronceda, Leopardi e Lamartine, sendo muitas vezes classificada como byroniana ou satânica. Na ficção, autores como Alencar, Macedo, Bernardo Guimarães e Franklin Távora consolidam-se, explorando temas indianistas, sertanistas e regionalistas, utilizando material local e ambiente nativo com intenções nacionalistas. Surge também a ficção histórica, influenciada por Walter Scott, e a vida urbana ganha destaque. A crítica literária, que antes se limitava a notas biográficas e antologias, adquire consciência de sua missão e técnicas nesse período. Poesia lírica, ficção, crítica, história e jornalismo são os gêneros mais cultivados, com autores nascidos por volta de 1830 que se destacam nas décadas de 1850 e 1860.

Quarto grupo (após 1860): o romantismo assume uma vertente liberal e social, com uma forte carga político-social e nacionalista, ligada às lutas pelo abolicionismo e pela Guerra do Paraguai. Na poesia lírica, influenciada por Victor Hugo, há uma tendência para um lirismo de metáforas arrebatadas e ousadas, denominado por Capistrano de Abreu como poesia

54 | Língua Portuguesa – Literatura em Língua Portuguesa – Volume 6

"condoreira" ou "condoreirismo". A preocupação formal leva o grupo a experimentações que, aliadas ao realismo literário e filosófico da época, conduzem a poesia em direção ao Parnasianismo. Este grupo é quase uma transição para o "romantismo realista", antecipando a ideia de "arte pela arte". Com uma nota marcante de erotismo, algumas figuras desse grupo se aproximam do Parnasianismo ou servem de elo entre os dois estilos. Na década de 1870, surge uma franca reação antirromântica. Na ficção, supera-se a fórmula romântica, que se esgota no sentimentalismo e no sertanismo, avançando em direção ao realismo, seja na análise de costumes e caracteres urbanos, regionais ou naturalistas. Assim, a ficção brasileira se consolida como nacional e autônoma.

A QUALIFICAÇÃO DOS AUTORES

Como o romantismo sucedeu-se em vários subvertentes no decorrer dos anos, ocorre que qualificar um determinado autor que viveu durante os anos é tarefa difícil. Assim, entende-se que um mesmo autor pode ter tido mais de uma “fase” literária. Sendo, comumente, entendido o “Romantismo” como o seu princípio nas letras e o “Realismo” como o seu amadurecimento.

É o caso de Joaquim Maria Machado de Assis. Machado de Assis escreveu romances como “Helena” que é um bom exemplo a respeito do que configura o “romantismo” em um autor que produz uma obra romântica, mas não se deixa limitar pelas características que definem o romantismo.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

1. Como podemos, em poucas palavras, definir o Romantismo?
2. Há várias linhas ou tendências dentro do Romantismo. Identifique quais são e destaque aquela que lhe parece mais interessante, buscando as razões para tal.
3. O que podemos entender por “Estado da Alma do Romântico” ou “Estado de Espírito Romântico”?
4. Explique o motivo do romantismo ser, historicamente, um movimento literário de esmagadora importância.



AULA 28

O DIÁLOGO – COMENTÁRIOS



Como estudamos na aula passada, as virtudes são provadas nas dificuldades e existe uma razão simples para isso: tomemos, por exemplo, a virtude da Prudência. Teoricamente, é fácil compreender que essa virtude se realiza quando cumprimos as suas três etapas. Elas são:

- Reflexão.
- Juízo Moral.
- Ação.

O princípio da prudência está na reflexão com a intenção de averiguar o grau de malícia ou de bondade em algo que se pretende fazer, ou que já foi feito no passado. Após vasculhar as reais intenções, as razões, etc., a prudência nos força e emitir um juízo moral sobre aquilo: afinal, o que pretendo ou aquilo que já fiz foi bom ou ruim? Enfim, a virtude me leva a uma ação, que pode ser de reparação, se o que eu fiz não foi bom; ou pode ser a própria ação no presente que foi causa da reflexão inicial.

Sabendo o que é a Virtude, fica fácil evidenciar que ela se prova nas dificuldades: é mais fácil viver prudentemente quando tudo está bem e não há absolutamente nenhuma dificuldade, tentação ou adversidade do que quando há. Sendo assim, é quando há que eu faço todo o movimento da minha vontade, isto é, da minha decisão, e escolho, deliberadamente, pela Virtude ao invés do vício (pecado).

COMO ESCOLHER PELA VIRTUDE?

Quando se considera que há um elo indissolúvel entre as virtudes, fica claro que não se trata de escolher por uma virtude ou por outra; mas por um conjunto de virtudes, tendo como alvo uma única.

Tomemos como exemplo a prudência: não pode existir prudência sem que haja coragem, porquanto, é a coragem a responsável por impulsionar a ação mesmo quando há medo e receio. Por vezes, uma cadeia de pensamentos prudentes nos levam a uma ação correta, mas que nos causa medo. Assim, a coragem é solicitada para que a ação se realize e é justamente na ação que a virtude é escolhida deliberadamente.

Ainda sobre a mesma questão, São Francisco de Sales em “Filotéia” tem um valioso ensinamento a nos transmitir. Para além das Virtudes Cardeais, as virtudes “menores” ou “secundárias” devem ser buscadas conforme a necessidade vocacional, profissional, etc. A mesma lógica seletiva se aplica à maneira que a virtude deve ser buscada. A Virtude da Ordem, por exemplo, não será buscada da mesma forma por um pai de família e um estudante do ensino médio. Portanto, é sempre preciso discernir.

O QUE É DISCERNIMENTO?

O discernimento é um processo do nosso pensamento. O objetivo do discernimento é descobrir a verdade sobre alguma coisa. Geralmente, o discernimento está vinculado a questões morais. Não por acaso costumamos discernir quando fazemos um exame de consciência.

No exame de consciência, nós discernimos sobre as nossas possíveis faltas para que elas deixem de ser “possíveis” e se tornem claras para nós, ou seja, para que tenhamos certeza dos nossos erros e equívocos na vida cristã. Esse exame é sempre construído sobre critérios claros que servem para apontar a linha tênue entre o certo e o errado.

Quando se trata das virtudes, o discernimento serve como maneira de descobrir as situações particulares em que cada uma das virtudes deve ser vivida, além de descobrir a forma específica como cada virtude deve ser vivida, seja em situações previsíveis ou em situações imprevisíveis.

Discernindo, o movimento da vontade fica mais fácil quando surge a situação para viver uma virtude determinada.

POR QUE DEUS QUER AÇÕES E NÃO PALAVRAS?

“O que desejo do homem, como frutos da ação, é que prove suas virtudes na hora oportuna.”. Neste ponto de “O Diálogo”, a instrução é clara e direta: provar as virtudes na hora oportuna se traduz em realizar ações virtuosas quando a oportunidade surge. As ações, como manifestação das virtudes, são sempre priorizadas e apontadas como o caminho da virtude. Mas, por que não as palavras?

Mais fácil do que agir em função de uma virtude é falar de uma virtude. Quando muito se fala sobre uma virtude e não a vive na prática, é sinal de que o pecado da vaidade já criou raízes ou está para criar. Quando isso acontece, as virtudes se corrompem e perdem a qualidade de virtudes.

AS VIRTUDES CORROMPIDAS

Alguns pecados capitais são corruptores das virtudes, enquanto outros são obstrutores. A preguiça é um pecado obstrutor, porque impede a ação. A vaidade e a soberba são os principais responsáveis pela corrupção das virtudes.

A vaidade quer todos os holofotes para si, quer a exaltação de si própria. Em outras palavras, a vaidade precisa aparecer e ser reconhecida. Em meios que buscam sinceramente a Verdade, uma tentação maligna é a do fingimento: finge-se buscar a santidade; finge-se buscar as virtudes, etc. Não se trata simplesmente de uma falta de integridade, mas de um fingimento vaidoso que atinge a integridade da pessoa.

A vaidade, uma vez que corrompeu as virtudes, permite que apareçam alguma se a circunstância for favorável para atrair louvores para si; ou ainda, as permitirá emergir apenas de maneira aparente e vaga: fala-se muito sobre as virtudes, discute-se, teoricamente, sobre as maneiras de viver... Mas não se decide por viver as virtudes. É por esse motivo que a fala não é elogiada de modo algum em O Diálogo de Santa Catarina de Sena.

DA NECESSIDADE DE SE ORAR E AGIR VIRTUOSAMENTE COM OS PECADORES

“— Filha muito querida, discorreste diante de mim sobre a misericórdia, porque eu te fiz compreender a profundidade daquela afirmação: “Estes (os pecadores) são as pessoas por quem peço que rezeis” (12.6). Mas procura entender que minha misericórdia é infinitamente maior do que pensas. Tua capacidade é imperfeita, limitada, ao passo que perfeito e infinito é o meu perdão. Impossível fazer comparações, senão aquela da finitude com o Infinito. Quis que experimentasses o que é tal misericórdia, bem como qual seja a dignidade do homem, revelada a ti antes (1.1). Quero que entendas melhor a maldade e crueldade dos pecadores, que vão pelo rio do pecado. Começam por conceber o mal no próprio íntimo, enfermándose; depois o praticam exteriormente e perdem a graça.

Afogados no rio do falso amor mundano, eles morrem para a graça. Assemelham-se ao cadáver, privado de sensações, que já não se move a não ser carregado por outros. Nos pecadores, assim “mortos”, a memória já não retém a recordação da minha misericórdia; a inteligência não compreende minha verdade, preocupada que está com a própria sensualidade e pessoa; a vontade permanece insensível à minha vontade e apega-se às realidades mortas. Com a morte destas três faculdades, toda a atividade interna e externa do pecador se esvazia quanto à graça. O pecador já não consegue defender-se dos inimigos,⁴ já não reage sem meu auxílio. Sempre é verdade, porém, que este “morto” possui o livre-arbítrio durante esta vida mortal no corpo, e, ao implorar socorro, sempre o terá de mim. Mas, sozinho, nada fará. O pecador é insuportável a si mesmo; pretendendo ser o dono do mundo, deixa-se dominar pelo nada, o pecado. Sim, o pecado é um nada... E tais pessoas são seus escravos!”



Santa Catarina de Sena, Diálogo 14.1.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Explique como Santa Catarina de Sena demonstra que as virtudes se provam nas dificuldades e nos relacionamentos com os outros.
2. Escreva sobre a diferença entre ações retas e meras palavras no serviço a Deus.
3. Qual a importância do discernimento no exercício das virtudes?
4. Explique como a corrupção das virtudes ocorre através dos pecados capitais, especialmente a vaidade.

LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA – 2º EM – VOLUME 07

– O Realismo e o Naturalismo Português



AULA 27

O NATURALISMO PORTUGUÊS

Nesta aula, iremos compreender as origens, características, principais autores e objetivos do Naturalismo Português.

OBSERVAÇÃO PRELIMINAR



Assim como o Realismo, o Naturalismo contou com uma espécie de “manual de instrução” preliminar à composição das obras. Isto é, as produções não foram associadas ao sentimento do momento, mas a um pressuposto teórico e um conjunto de pontos de partida comum. Assim, em ambos os movimentos, não são apenas os temas comuns que os autores partilham, mas as causas dos problemas e as soluções dos problemas, além de perspectivas sociais e filosóficas ateadas semelhantes.

INTRODUÇÃO

O Naturalismo é uma vertente literária que emergiu no final do século XIX, com uma forte ênfase na observação científica da realidade. Influenciado pelo Positivismo e pelas teorias evolucionistas de Charles Darwin, o Naturalismo visava representar a vida de maneira objetiva e detalhada, frequentemente olhando para as camadas mais marginalizadas da sociedade.

ORIGENS DO NATURALISMO PORTUGUÊS

O Naturalismo em Portugal surgiu como uma resposta ao Realismo, desenvolvendo-se a partir das influências científicas e filosóficas do Positivismo de Auguste Comte e das teorias de evolução de Charles Darwin. Em contraste com o Realismo, que se concentrava na observação social, o Naturalismo incorporou uma visão mais biológica e determinista do comportamento humano.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO NATURALISMO

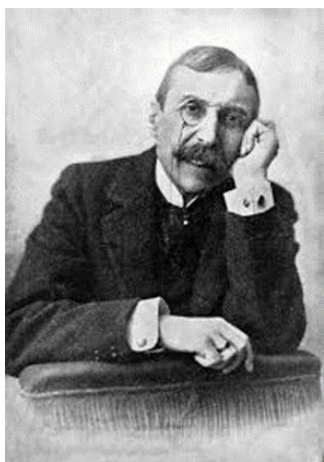
1. **Determinismo:** os autores naturalistas acreditavam que o comportamento humano é determinado por fatores biológicos, sociais e ambientais, e que a hereditariedade e o meio ambiente desempenham um papel crucial na formação do indivíduo.
2. **Experimentação:** inspirados pelos métodos científicos, os escritores naturalistas aplicavam uma abordagem experimental à literatura, observando e retratando a realidade com precisão quase científica.
3. **Retrato da Marginalidade:** o Naturalismo frequentemente apresentava as classes sociais mais baixas e os aspectos mais sombrios da vida, incluindo pobreza, crime, doença e prostituição.
4. **Objetividade:** a escrita naturalista é marcada por uma linguagem direta e descritiva, evitando a subjetividade e a idealização presentes em movimentos literários anteriores.
5. **Crítica Social:** através da exposição das realidades brutais e das condições de vida das camadas populares, o Naturalismo procurava provocar a reflexão e a mudança social.

PRINCIPAIS AUTORES DO NATURALISMO PORTUGUÊS

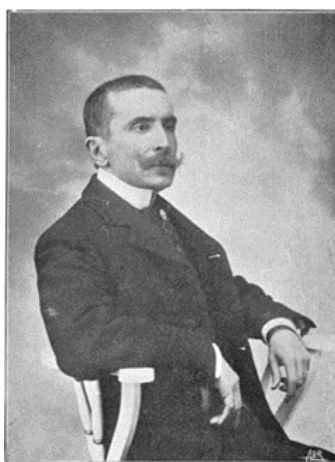
José Maria de Eça de Queirós: embora muitas vezes associado ao Realismo, Eça de Queirós incorporou elementos naturalistas em suas obras, como em "O Primo Basílio" e "O Crime do Padre Amaro".

Abel Botelho: considerado um dos principais representantes do Naturalismo em Portugal, sua obra mais destacada é "O Barão de Lavos", que aborda temas como a homossexualidade e a decadência da aristocracia.

Teixeira de Pascoaes: embora mais conhecido por seu simbolismo, suas obras também contêm traços de naturalismo, especialmente na observação minuciosa e crítica da sociedade.



Eça de Queirós



Abel Botelho



Teixeira de Pascoaes

OBJETIVOS DO NATURALISMO

1. **Revelar a “verdade”:** os autores naturalistas buscavam expor a verdade nua e crua da condição humana, sem embelezamentos ou idealizações.
2. **Promover a Ciência e o Racionalismo:** influenciados pelo avanço da ciência, os escritores naturalistas procuravam promover uma visão racional e científica do mundo.
3. **Criticar as Instituições Sociais:** o Naturalismo frequentemente denunciava as injustiças e hipocrisias das instituições sociais, como a família, a Igreja e o Estado.
4. **Provocar Reflexão e Mudança:** ao expor as realidades brutais e as condições de vida das camadas mais baixas da sociedade, os autores naturalistas buscavam provocar uma reflexão crítica e incentivar mudanças sociais.

O DETERMINISMO NAS PERSONAGENS NATURALISTAS

No âmago da literatura naturalista, encontra-se uma visão determinista do comportamento humano, fortemente influenciada pelo avanço das ciências naturais e pelas teorias de Charles Darwin. O determinismo postula que todas as ações humanas são condicionadas por fatores biológicos, sociais e ambientais, relegando a vontade individual a um papel secundário e submisso. Em obras naturalistas, essa perspectiva manifesta-se claramente na maneira como os personagens são retratados, especialmente no que diz respeito aos seus impulsos carnis e às forças que moldam suas vidas.

IMPULSOS CARNAIS E A VONTADE HUMANA

Os autores naturalistas acreditavam que o ser humano é, em grande parte, governado por seus instintos básicos e desejos carnis. A racionalidade e a vontade, frequentemente celebradas em outras correntes literárias, são vistas aqui como frágeis e impotentes diante das forças primitivas que habitam o ser humano. A luta contra esses impulsos é, invariavelmente, retratada como infrutífera e destinada ao fracasso.

Por exemplo, em "O Crime do Padre Amaro" de Eça de Queirós, vemos como o protagonista, um jovem sacerdote, é atraído por Amélia, uma jovem devota. Apesar de seu compromisso com os votos clericais e sua tentativa inicial de resistir à tentação, Amaro é incapaz de controlar seus desejos carnis. O determinismo aqui é evidente: sua formação religiosa e sua própria vontade são insuficientes para contrapor os impulsos naturais que o dominam. O resultado é uma série de ações que culminam em tragédia, evidenciando a impotência do indivíduo diante das forças biológicas.

O ASPECTO FATALISTA DO NATURALISMO

O fatalismo é uma característica central do Naturalismo. As personagens naturalistas são frequentemente retratadas como vítimas de circunstâncias alheias ao seu controle, incapazes de alterar seu destino. Este aspecto é particularmente visível na forma como os impulsos carnis influenciam suas ações e decisões. O desejo é uma força avassaladora que molda suas vidas, frequentemente levando-os à degradação moral e ao desastre.

Em "O Primo Basílio", também de Eça de Queirós, Luísa, uma dona de casa entediada, é levada por seus desejos a trair o marido com seu primo, Basílio. A incapacidade de Luísa de resistir aos impulsos carnis e o subsequente caos que se desenrola enfatizam a visão fatalista do naturalismo: seus desejos a conduzem inevitavelmente à ruína, demonstrando a força inescapável dos instintos sobre a vontade humana.

CONCLUSÃO

No contexto do Naturalismo, os personagens são essencialmente marionetes nas mãos de forças poderosas e incontroláveis, como a hereditariedade e o meio ambiente. Os impulsos carnis, em particular, são representados como dominantes e inevitáveis, subjugando a vontade e moldando a ação humana de maneira inexorável. Essa perspectiva determinista e fatalista não apenas define o comportamento das personagens, mas também oferece uma crítica contundente à sociedade e às suas instituições, sugerindo que, diante das forças naturais, a moralidade e a racionalidade são ilusões frágeis.

Ao enfatizar o aspecto fatalista dos impulsos carnis, o Naturalismo expõe a vulnerabilidade do ser humano e a sua impotência perante as forças que realmente governam a vida. Esta visão sombria e implacável da natureza humana continua a ser um dos intentos mais profundos e provocativos deste movimento literário: uma literatura marcadamente sem Deus e muitas vezes entregue ao fatalismo e determinismo da imoralidade.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Elabore suas anotações no caderno resumindo a problemática do período naturalista.
2. Como são as personagens no contexto do Naturalismo?
3. Como se realiza o “fatalismo” no Naturalismo?
4. Partindo do princípio de que a literatura é um espelho que sempre reflete o mundo de forma mais ou menos distorcida, pode a corrente naturalista conter alguma coisa verdadeira? Seria ela a grande expressão, por exemplo, da vida do sujeito escravizado por algum pecado capital? Explique.

Nesta aula, sugerimos a leitura de um trecho do texto “A Carne” de Júlio Ribeiro, no qual é possível identificarmos o Naturalismo e suas tendências.

Leiamos:

“A CARNE”

Júlio Ribeiro

Havia quase uma semana que estava chovendo continuamente. As matas alegres, viçosas, muito lavadas reviam água pela frente. O tapete espesso de folhas mortas, que cobria o solo nas matas, estava ensopado, desfeito, ia-se reduzindo a húmus. [...]. Corria o enxurro torrentoso, rápido, enxadrezado nos declives; manso, espriado em toalhas, banhando as raízes das gramíneas no chato, no descampado. Os campos eram brejos, os brejos lagos. No pomar as laranjeiras pendiam os grelos em um desfalecimento úmido; as ameixeiras, as mangueiras, os pessegueiros, os cajueiros viçavam muito lustrosos. O céu pardo, como que descido, parecia muito perto da terra. O ribeirão transbordando roncava em marulhos. Lenita sentada, encorujada na rede, com as pernas cruzadas, à chinesa, levava a maior parte do dia a ler, conchegando-se no xale, friorenta, aborrecida, esplenética. Rememorava por vezes as mudanças, as alternativas fisiopsíquicas porque tinha passado na fazenda, onde não encontrara uma pessoa de sua idade, de seu sexo ou de sua ilustração a quem comunicar o que sentia, que a pudesse compreender, que a pudesse aconselhar, que a pudesse fortalecer nessa terrível batalha dos nervos. Analisava a crise histérica, o erotismo, o acesso de crueldade que tivera.



Estudava o seu abatimento atual irritadiço, dissolvente, cortado de desejos inexplicáveis. Surpreendia-se amiudadas vezes a pensar sem o querer no filho do coronel, nesse homem já maduro, casado, a quem nunca vira; sentia que lhe pulsava apressado o coração quando falavam nele na sua presença. E concluía que aquilo era um estado patológico, que minava um mal sem cura. Depois mudava de pensar: não estava doente, seu estado não era patológico, era fisiológico. O que ela sentia era o aguilhão genésico, era o mando imperioso da sexualidade, era a voz da carne a exigir dela o seu tributo de amor, a reclamar o seu contingente de fecundidade para a grande obra da perpetuação da espécie. E lembrava-lhe a ninfomania, a satiríase, esses horrores com que a natureza se vinga de fêmeas e machos que lhe violam as leis, guardando uma castidade impossível; lembrava-lhe o horror sagrado que aos povos da Grécia e Roma inspiravam esses castigos de Vênus. Entrevia como em uma nuvem as ninfas gregas de Dictynne, as vestais romanas, as odaliscas molitas, as monjas cristãs pálidas, convulsivas, com os lábios em sangue, com os olhos em chamas, a contorcerem-se nos bosques, nos leitos solitários; a morderem-se loucas, bestiais, espicaçadas pelos ferrões do desejo. Desfilavam-lhe por diante, lúbricas, vivas, palpáveis quase, Pasífae, Fedra; Júlia, Messalina, Teodora, Impéria; Lucrécia Borgia, Catarina da Rússia. Um dia entrou na sala o

coronel. – Grande novidade! Aí me vem o rapaz... rapaz é um modo de falar, o velho, o caçador do Paranapanema. – Seu filho? – Sim. Também era tempo, eu já estava com saudades. – Mas não preveniu, não pediu condução... – Pois eu não dizia? aquilo é assim mesmo, é espeloteado. Não quer, não sabe esperar; não está para demoras. Alugou animais no Rio Claro, e aí vem vindo. – Como soube? – Por um caboclo que partiu de lá ao amanhecer, e que agora passou por aqui. – Então seu filho vem tomando esta chuvarada? – Isso para ele é um pau para um olho, está acostumado. – A que horas acha que chega? – São seis léguas de caminho. Ele de certo saiu depois do almoço, às 10 horas. Como a estrada está ruim, gastará umas seis ou sete horas. As quatro, às cinco horas ao mais tardar, rebenta por aí. O que eu quero saber é se você quer jantar às horas do costume ou se concorda em que o esperemos. – Havemos de esperar, boa dúvida! O coronel saiu. Lenita saltou lesta da rede, correu ao seu quarto, penteou-se com desvanecimento, ergueu os cabelos, prendeu-os no alto da cabeça; deixando a nuca bem a descoberto. Espartilhou-se, tomou um vestido de merinó afogado, muito singelo, mas muito elegante brincos, broche, braceletes de ônix, calçou sapatinhos Luiz XV, cuja entrada muito baixa deixava ver a meia de seda preta com ferradurinhas brancas em relevo. No peito, à esquerda, pregou duas rosas pálidas, meio fechadas, muito cheirosas. – Bravo! que linda que está a senhora D. Lenita! bradou o coronel, entusiasmado ao vê-la. Pena é que esteja gastando cera com ruim defunto: o rapaz não é rapaz, e ainda, por mal de pecados, é beco sem saída. Lenita corou um pouco, riu-se. – Vamos, vamos lá para dentro: quero que a velha a veja nesse reto. Francamente, está bonita a fazer virar a cabeça ao próprio Santo Antônio! Como lhe assenta a você essa roupa preta afogadinha! Sim, senhora! Ia quase anoitecendo. A chuva caía forte, compassada, ininterrompida: em todas as depressões de terreno estancava-se a água; por todos os declives corria ela em torrentes, em borbotões, em jorros, em filetes. No alto do morro fronteiro, cortado pela estrada, assomaram dois cavaleiros e uma besta de canastrinhas. Vagarosos, escorregando a cada passo na ladeira lamacenta, lisa, começaram a descer procurando a fazenda. A água da chuva, pulverizada no ar, esbatia-lhes os contornos em urna como atmosfera cinzenta, riscada obliquamente pelo peneirar dos pingos grossos. O coronel viu-os por uma janela, através dos vidros embaciados. – Lá vem Manduca, disse. Coitado! vem como um pinto! Lenita parou o movimento brando da cadeira de balanço, largou o Correio da Europa que estava lendo, deixou cair os braços sobre as coxas, recostou a cabeça no espaldar, quedou-se imóvel, muito pálida, quase desfalecida. O sangue refluía-lhe ao coração que batia escompassado. Chegaram os viajantes. Ouviu-se o tinir de freios sacudidos nervosamente pelas cavalgaduras, depois o chapinhar pesado de botas ensopadas, enlameadas, e o arrastar sonoro de esporas no pedrado do alpendre. O coronel, trôpego, correu ao encontro do filho. – Que raio de tempo! Disse este ao entrar na ante-sala, batendo duro os pés na soleira da porta, e tirando a capa de borracha que foi pendurar a uma estaqueira. Adeus, meu pai, vosmecê bom, eu vejo; minha mãe na mesma, não? – Tudo na forma do costume. E você? boas caçadas? boa saúde? – Caçadas esplêndidas, hei de lhe contar. Saúde de ferro, a não ser a maldita enxaqueca que me não larga, e que neste momento mesmo me está atormentando de modo horroroso. Vou lá dentro ver minha mãe, e sigo para o meu quarto: deve estar pronto. Mande o Amâncio levar-me uma chaleira de água a ferver, e uma pouca de farinha mostarda, para eu tomar um pedilúvio sinapizado. – Você não juntou, e de certo almoçou mal: coma alguma coisa que há de fazer-lhe bem. – Comer!

mal de mim se comesse estando de enxaqueca. - Que maçada! Eu e a Lenita que o estávamos esperando para jantar... - Lenita! Quem é Lenita? - É a neta do meu velho amigo Cunha Matoso, filha do meu pupilo, o doutor Lopes Matoso, que morreu logo depois que você foi para o Paranapanema. Não recebeu a minha carta nesse sentido? - Recebi, lembra-me muito o Lopes Matoso. Com que então a filha está agora aqui? - Está, coitada. Não pôde ficar na cidade, era-lhe muito dolorosa a falta do pai. Vem cá, Lenita, vem ver o meu filho. Chama-se Manuel Barbosa. Lenita veio da sala, adiantou-se para o recém-chegado, cumprimentou-o com uma inclinação da cabeça. Ele tirou o seu chapéu alagado, retribuiu o cumprimento. - Um seu criado, minha distinta senhora. Desculpar-me-á não apertar-lhe a mão: estou imundo, estou que é só barro da cabeça aos pés. Manuel Barbosa era homem de boa altura, um tanto magro. A roupa molhada colava-se-lhe ao corpo, acentuando-se as formas angulosas. Cabelos desmesuradamente grandes, empastados, correndo água, cobriam-lhe a testa, escondiam-lhe as orelhas. As barbas grisalhas, crescidas, davam-lhe um aspecto inculto, quase feroz. Com a enxaqueca estava pálido, muito pálido, baço, terroso. Piscava muito os olhos para furtar-se à ação da luz. Tinha as pálpebras batidas, trêmulas, e muitos pés de galinha encarquilhavam-lhe os cantos externos dos olhos. Lenita, desapontadíssima, mirava-o com uma curiosidade dolorosa. - Minha senhora, continuou ele, sinto imenso que vossa excelência tenha esperado por mim para jantar, e que a minha negregada enxaqueca prive-me hoje do prazer de sua companhia. Queira conceder-me licença. E varou para o interior, sacudidamente, brutalmente, fazendo soar as esporas, deixando no assoalho as marcas úmidas das botas enlameadas. O coronel acompanhou-o. Lenita recolheu-se ao seu quarto, bateu as janelas, não quis jantar, não quis cear, respondeu quase com desabrimento ao coronel, que insistia com ela para que fosse à mesa comer uma asa de frango, uma talhadinha de presunto, algum doce ao menos. Sacou do peito com violência as duas bonitas rosas, atirou-as ao chão, calcou-as aos pés, esmurregouas, despiu-se freneticamente, aos pinchos, arrancando os botões arrebetando os colchetes. Com um movimento de pernas rápido, sacudido, fez voar longe os sapatinhos, atirou-se à cama encolheu-se como uma bola, mordeu os braços, despediu num pranto convulso. Chorou, soluçou por muito tempo. Esse descarregamento nervoso aliviou-a; acalmou-se, sossegou. Entrou a refletir. Conceber um ideal, pensava ela, animá-lo como uma mãe anima o filho, ajeitá-lo, vesti-lo cada dia com uma perfeição nova, e, de repente, ver a realidade impor-se esmagadoramente prosaica, chatamente bruta, bestialmente chata! Idealizar um caçador de Cooper, um Nemrod forte até diante de Deus, um atleta musculado como um herói da antiguidade, e ver sair pela frente um sujeito pulha, enlameado, velho, de melenas intonsas e barbas grisalhas, um almocreve, um arneiro que quase a tratara mal! E ainda por cima juraria que ele tresandava a cachaça: sentira-lhe a bifada quando ele falou. Mas, em suma, que lhe importava a ela esse homem, com quem nunca conversara, que nunca sequer tinha visto, cuja existência até pouco ignorava? Pois não havia ela em tempo desprezado a corte assídua de uma nuvem de pretendentes? E nesse momento mesmo, debaixo de certo ponto de vista, não estava até melhor, relativamente a coisas do coração? Sem pai, sem mãe, sem irmãos, emancipada, absolutamente senhora de si, rica, formosa, inteligente, culta, bastava-lhe mostrar-se na cidade, ou melhor, em São Paulo, na corte, aparecer nas reuniões, deixar-se admirar para tronejar, para ser soberana, para receber ovações, para haurir, a saciedade, o incenso da lisonja. Por que teimar em permanecer na

fazenda? Se era a necessidade orgânica, genésica de um homem que a torturava, por que não escolher de entre mil um marido forte, nervoso, potente, capaz de satisfazê-la, capaz de saciá-la? E se um lhe não bastasse, por que não conculcar preconceitos ridículos, por que não tomar dez, vinte, cem amantes, que lhe matassem o desejo, que lhe fatigassem o organismo? Que lhe importava a ela a sociedade e as suas estúpidas convenções de moral? Mas a cor amarelenta de Manuel Barbosa, seus olhos piscos, seus cabelos por cortar, sua barba repugnante, sua roupa molhada! E o fartum de pinga, a bifada? Não lhe podia perdoar, odiava-o, tinha vontade de esbofeteá-lo, de cuspir-lhe no rosto. Era um contra-senso; estar sempre a recair, a ocupar-se de uma criatura vulgar, comuníssima, que lhe não merecia ódio, com a qual não valia a pena perder um pensamento. Voltaria para a cidade... não, iria São Paulo, fixar-se-ia aí de vez compraria um terreno grande em um bairro aristocrático, na Rua Alegre, em Santa Efigênia, no Chá, construiria um palacete elegante, gracioso, rendilhado, à oriental, que sobressaísse, que levasse de vencida esses barracões de tijolos, esses monstrenhos impossíveis que por aí avultam, chatos, extravagantes, à fazendeira, à cosmopolita, sem higiene, sem arquitetura, sem gosto. Fá-lo-ia sob a direção de Ramos de Azevedo, tomaria para decoradores e ornamentistas Aurélio de Figueiredo e Almeida Júnior. Trastejá-lo-ia de jacarandá preto, encerado, com esculpidos foscos. Faria comprar nas ventes de Paris, por agentes entendidos, secretárias, mesinhas de legítimo Boule. Teria couros lavrados de Córdova, tapetes da Pérsia e dos Gobelins, fukusas do Japão. Sobre os consolos, sobre os dunquerque, em vitrinas; em armários de pau ferro rendilhado, em étagères, pelas paredes, por toda a parte semearia porcelanas profusamente, prodigamente - as da China com o seu branco leitoso, de creme, com as suas cores alegres suavissimamente vívidas, as do Japão, rubro e ouro, magníficas, provocadoras, luxuosas, fascinantes; os grés de Satzuma, artísticos, trabalhos árabes pelo estilo, europeus quase pela correção do desenho. Procuraria vasos, pratos da pasta tenra de Sévres, ornamentados por Bouchet, por Armand, por Chavaux pai, pelos dois Sioux; contrapor-lhes-ia as porcelanas da fábrica real de Berlim e da imperial de Viena, azuis de rei aquelas, estas cor de sangue tirante a ferrugem; enriquecer-se-ia de figurinhas de Saxe, ideais, finamente acabadas, deliciosíssimas. Apascentaria os olhos na pátina untuosa dos bronzes do Japão, nas formas tão verdadeiras, tão humanas da estatuária grega, matematicamente reduzida em bronze por Colas e Barbedienne. Possuiria mármore de Falconet, terracotas de Clodion, netskés, velhíssimos, rendilhados, microscópicos, prodigiosos. Mirar-se-ia em espelhos de Veneza, guardaria perfumes em frasquinhos facetados de cristal da Boêmia. Pejaria os escrínios, as vide-poches de joias antigas, de crisólitas e brilhantes engastados em prata, de velhos relicários de ouro do Porto. Teria cavalos de preço, iria à Ponte Grande, à Penha à Vila Mariana em um huit-ressorts parisiense sem rival, tirado por urcos pur-sang, enormes, calorosos, de cor escura, de pelo muito fino. Far-se-ia notar pelas toilettes elegantíssimas, arriscadas, escandalosas mesmo. Viajaria pela Europa toda, passaria um verão em São Petersburgo, um inverno em Nizza subiria ao Jungfrau, jogaria em Monte Carlo. Havia de voltar, de oferecer banquetes; havia de chocar paladares, habituados ao picadinho e ao lombo de porco, dando-lhes arenques fumados, caviar, perdizes faisandées, calhandras assadas com os intestinos, todos os mil inventos dos finos gastrônomos do velho mundo: seus convivas haviam de beber Johannisberg, Tokai, Constança, Lágrima Christi, Château Iquem, tudo quanto fosse vinho caro, tudo quanto fosse vinho esquisito. Teria amantes, por

que não? Que lhe importavam a ela as murmurações, os diz-que- diz-que da sociedade brasileira, hipócrita, maldizente. Era moça, sensual, rica - gozava. Escandalizavam-se, pois que se escandalizassem. Depois, quando ficasse velha, quando se quisesse aburguesar, viver como toda a gente, casar-se-ia. Era tão fácil, tinha dinheiro, não lhe haviam de faltar titulares, homens formados que se submetessem ao jugo uxório que lhe aprouvesse a ela impor-lhes. Era pedir por boca, era só escolher.



AULA 30

ONZE LIÇÕES SOBRE VIRTUDE (PARTE 01)

Nesta aula, iremos aprofundar a compreensão sobre a teoria das virtudes segundo Santo Tomás de Aquino, com ênfase na sua importância para as escolhas humanas e a moderação das paixões.

A IMPORTÂNCIA DAS VIRTUDES NAS ESCOLHAS HUMANAS



A teoria das virtudes é central para compreender o papel das escolhas na vida humana. Segundo Santo Tomás de Aquino, as virtudes funcionam como o guia moral que direciona as ações e paixões para o bem. Em outras palavras, as virtudes são como uma bússola que orienta o ser humano em suas decisões, ajudando-o a agir de acordo com o que é moralmente correto e a moderar suas paixões. Cada escolha que fazemos é uma oportunidade de exercitar uma virtude, e, ao fazermos isso, estamos moldando nosso caráter e, conseqüentemente, nossa vida.

Um exemplo clássico que ilustra essa função das virtudes é o domínio sobre os prazeres. Santo Tomás, seguindo a tradição de Aristóteles, argumenta que o prazer, embora natural e necessário, deve ser moderado pela virtude. Por exemplo, ao comer, é normal sentir prazer; no entanto, se o prazer da comida não for controlado pela virtude da temperança, pode levar à gula, que é prejudicial tanto para o corpo quanto para a alma. Portanto, as virtudes servem para equilibrar nossos desejos e impulsos, assegurando que eles nos conduzam ao bem, em vez de nos afastar dele.

Outro ponto crucial é que as virtudes não se limitam a ser um "meio-termo" entre dois extremos, como tradicionalmente entendido na ética aristotélica. Para Santo Tomás, há certos prazeres e ações que são intrinsecamente desordenados e, portanto, a virtude não pode ser simplesmente uma moderação deles, mas uma rejeição total. Por exemplo, não há uma "moderação" possível em atos como a mentira ou a injustiça; eles devem ser evitados em sua totalidade. Assim, a vivência das virtudes exige discernimento contínuo para identificar o que é verdadeiramente bom e o que deve ser evitado.

O PAPEL DAS VIRTUDES NA MODERAÇÃO DAS PAIXÕES

As paixões são emoções e impulsos que, sem a moderação adequada, podem nos levar a agir de maneira contrária ao bem. Para Santo Tomás de Aquino, as virtudes desempenham um papel essencial na moderação dessas paixões, orientando-as para um fim moralmente correto. As virtudes são, portanto, o "freio" que controla nossas paixões, garantindo que elas sirvam ao bem em vez de nos dominar.

Um exemplo comum é a paixão da ira. Quando alguém se sente injustiçado, a ira é uma resposta natural. No entanto, se essa ira não for moderada pela virtude da mansidão, pode levar a atos de violência ou vingança, que são moralmente errados. A virtude não exige que suprimamos completamente a ira, mas que a direcionemos de maneira justa e proporcionada, como quando lutamos contra uma injustiça com firmeza, mas sem ódio ou excessos.

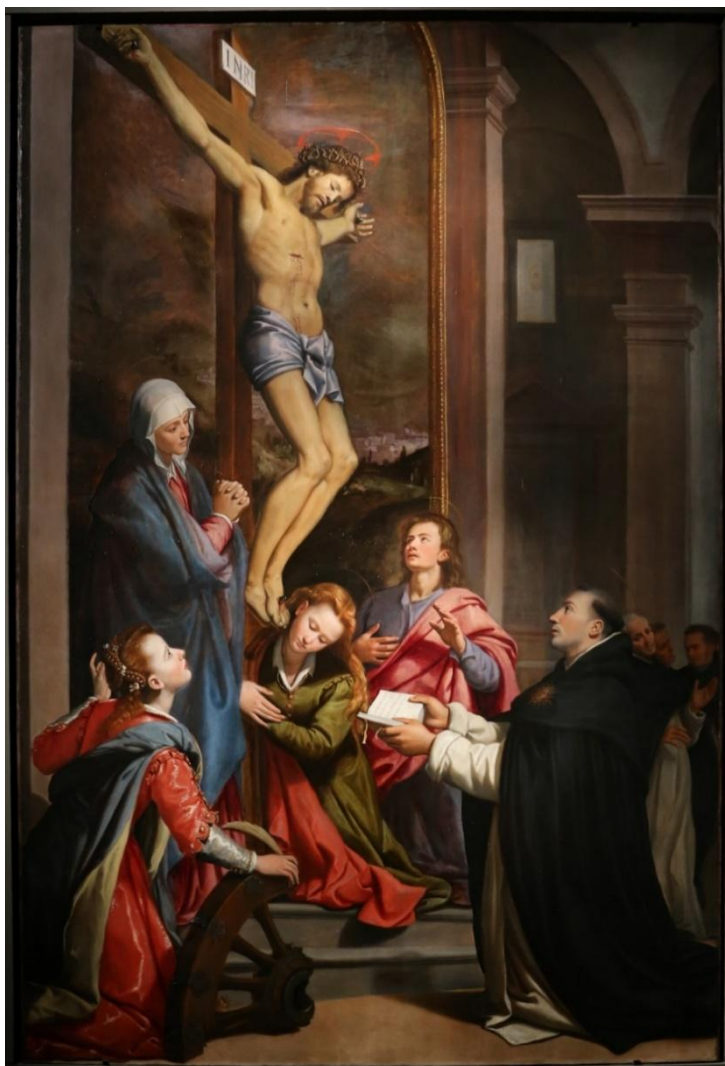
A moderação das paixões também se aplica aos prazeres, como mencionado anteriormente. Um exemplo prático disso é o prazer obtido no lazer e no entretenimento. Embora esses prazeres sejam legítimos, sem a moderação pela virtude da temperança, podem se tornar excessivos, levando à preguiça ou ao desperdício de tempo, o que é prejudicial ao crescimento pessoal e espiritual. Assim, as virtudes são indispensáveis para viver de maneira equilibrada e moralmente correta.

A NECESSIDADE DE EDUCAÇÃO E ESCOLHA PELAS VIRTUDES



Educar-se nas virtudes é essencial para tomar boas decisões e viver uma vida moralmente íntegra. Santo Tomás de Aquino destaca que as virtudes não são simplesmente dons inatos, mas qualidades que precisam ser cultivadas ao longo do tempo através da prática e do hábito. A educação nas virtudes envolve tanto o aprendizado teórico sobre o que é o bem, quanto a prática constante de atos virtuosos que moldam o caráter.

A formação nas virtudes começa desde cedo, na família e na escola, onde as crianças são ensinadas a discernir entre o certo e o errado, a desenvolver o autocontrole e a agir de maneira justa. Por exemplo, ensinar uma criança a compartilhar seus brinquedos é uma forma de cultivar a virtude da generosidade. Com o tempo, esse comportamento se torna um hábito, que se traduzirá em atos de generosidade em outras áreas da vida.



Santi di Tito. Visão de Santo Tomás de Aquino. 1593. Basílica de São Marcos, Veneza.

A escolha consciente pelas virtudes é outra dimensão importante. Em cada situação da vida, somos chamados a escolher entre o bem e o mal, e essa escolha é facilitada quando as virtudes estão bem desenvolvidas em nosso caráter. Por exemplo, diante da tentação de mentir para evitar um problema, uma pessoa que cultivou a virtude da honestidade será mais inclinada a dizer a verdade, mesmo que isso implique em consequências difíceis. Portanto, a educação nas virtudes e a escolha contínua por elas são fundamentais para viver de acordo com a moral cristã.

A ORIGEM DAS VIRTUDES: MORALIDADE E HÁBITO

A origem das virtudes está diretamente ligada à prática constante de atos morais. Santo Tomás de Aquino, em sua análise, destaca que as virtudes morais são adquiridas através do hábito, o que significa que se desenvolvem a partir da repetição de ações boas e justas. Em outras palavras, não nascemos virtuosos, mas nos tornamos virtuosos ao praticar atos que refletem as virtudes.

Tomemos como exemplo a virtude da justiça. Para ser justo, é necessário praticar atos de justiça repetidamente, como tratar as pessoas com equidade, respeitar os direitos dos outros e cumprir com nossas obrigações. Com o tempo, esses atos justos moldam o caráter de uma pessoa, tornando-a naturalmente inclinada a agir com justiça em todas as situações. Assim, o hábito não só fortalece a virtude, mas também facilita a ação virtuosa, tornando-a quase "automática".

Outro exemplo é a virtude da coragem. Um soldado, por exemplo, não se torna corajoso simplesmente ao enfrentar o perigo uma vez; ele desenvolve a coragem ao enfrentar o perigo repetidamente, até que a ação corajosa se torne uma segunda natureza. Santo Tomás sublinha que as virtudes morais dependem do hábito, precisamente porque é através da prática constante que as virtudes se enraízam no caráter, permitindo que as ações futuras sejam naturalmente orientadas para o bem.

AS QUESTÕES DISPUTADAS

Antes de abordarmos o método de Santo Tomás de Aquino sob uma perspectiva literária, é necessário levar em conta que Santo Tomás foi, primeiramente, professor, de modo que suas produções são, acima de tudo, magistrais, sendo necessário introduzirmos os métodos de ensino medievais.

O ensino medieval era baseado na leitura de textos, espelho disso é a frase de Hugo de São Vitor, em sua obra *Didascalion*: “Duas coisas principalmente concorrem para a aquisição da ciência: a leitura e a meditação”. Através da leitura o ensino é transmitido de um mestre para um aluno; ao passo que pela meditação o aluno assimila de forma pessoal o ensino.

A prática da leitura como método de ensino se dava por dois motivos: o primeiro deles era o respeito pelos textos escritos, uma vez que os livros eram raros, pois ainda não se havia inventado a imprensa. O segundo motivo se dava pelo fato de que a teologia tinha como base de transmissão os textos. De qualquer forma, a prática da leitura era um sinal de respeito aos autores lidos.

Essa leitura poderia ser praticada de diversas formas, fossem elas breves anotações, comentários ou manuscritos. A explicação do mestre, por sua vez, poderia ser uma ampla exposição – como os Comentários de Santo Tomás de Aquino a Aristóteles – ou um desenvolvimento parafraseado do autor em questão. Entretanto, por melhor que seja a elucidação do mestre, um texto apresenta dificuldades e questões, conduzindo o leitor à *quaestio*, questionar.

As questões nasciam de uma imprecisão, como equívocos e interpretações contrárias, e passavam a se ampliar de acordo com as explicações que lhe eram dadas. Um exemplo são os comentários de Santo Tomás às Sentenças de Pedro Lombardo, que apresentavam textos breves, enquanto o comentador se estendia longamente.

Uma Questão, então, tornou-se uma forma de ensino, porque cria-se que os problemas em questão seriam melhor apresentados dessa forma. Segundo Gardeil (2013, p. 38), esse

procedimento tornou-se um gênero textual próprio, deixando de ser apenas uma exposição sobre os textos e tornando-se algo autônomo.

Tal modalidade, por colocar opiniões de diferentes autoridades em conflito, fosse por escrito ou em público, passou a ser considerado um gênero dos escritos acadêmicos e não mais literário. Desse movimento nasce a Questão Disputada, exercício próprio dos mestres, como as lições e os sermões. Além de uma disputa de ideias, esse gênero acadêmico também poderia ser sobre qualquer dúvida que fosse apresentada ao mestre, condição que era possível apenas no Natal e na Páscoa. Essas questões nasciam também da curiosidade sobre temas atuais.

Assim, a Questão Disputada, que se dá a partir de uma boa pergunta, quando desenvolvida por Santo Tomás de Aquino, segue a seguinte metodologia em cada artigo:

Faz-se uma afirmação ou negação, contrária ao que, de fato, defende-se.



Elenca-se uma série de argumentos que sustentam a tese anterior.



Apresenta-se o ***Sed Contra*** (mas ao contrário/contrariamente): um argumento de autoridade (Doutores da Igreja, Sagradas Escrituras, Aristóteles), que expõe o real posicionamento de Santo Tomás de Aquino.¹¹



Alcança-se, então o ***Respondeo*** (resposta, solução), o corpo da resposta e o centro do artigo, trata-se da resposta do artigo. Momento em que Santo Tomás exerce, de fato, a teologia.



Refuta-se, por fim, os primeiros argumentos elencados um a um. Junto ao *Respondeo*, constitui uma resposta irrefutável da doutrina defendida.

TRECHO DA QUESTÃO DISPUTADA DE SÁO TOMÁS

Art. 1 – Se a castidade é uma virtude

(*In Hebr. c. 12 lect. 2; In Ethic. 3 lect. 22*)

“O primeiro discute-se assim. – Parece que a castidade não é uma virtude.

11 Raras vezes o *Sed Contra* exerce apenas o papel de favorecer a resposta de Santo Tomás, sendo, por vezes, também refutado ao final.

1. Pois, tratamos agora das virtudes da alma. Ora, parece que a castidade diz respeito ao corpo; assim, casto se chama quem usa de certo modo de determinadas partes do corpo. Logo, a castidade não é uma virtude.

2. Demais. – A virtude é um hábito voluntário como diz Aristóteles. Ora, parece não ter a castidade nada de voluntário, pois, às mulheres a violência forçadamente as primava dela. Logo, a castidade parece que não é uma virtude.

3. Demais. – Os infiéis não podem ter nenhuma virtude. Ora, certos infiéis são castos. Logo, a castidade não é virtude.

4. Demais. – Os frutos distinguem-se das virtudes. Ora, a castidade é enumerada entre os frutos, como está claro no Apóstolo (Gl 5, 23). Logo, a castidade não é virtude.

Mas, *em contrário*, diz Agostinho: Tendo o dever de dares à tua esposa o exemplo da virtude, pois que a virtude é a castidade, cedas tu ao ímpeto da sensualidade, e queres que tua esposa seja virtuosa.

SOLUÇÃO. – O nome de castidade vem de ser castigada pela razão, a concupiscência, que deve ser refreada como uma criança, segundo o Filósofo. Ora, a virtude humana consiste essencialmente em imprimir no seu objeto o cunho da razão, como do sobredito resulta. Por onde, é manifesto que a castidade é uma virtude.

DONDE A RESPOSTA À PRIMEIRA OBJEÇÃO. – A castidade tem certamente a alma como sujeito e como sua matéria o corpo. Pois, tem como função fazer-nos usar moderadamente dos membros corporais segundo o juízo da razão e a eleição da vontade.

RESPOSTA À SEGUNDA. – Como diz Agostinho, enquanto a alma persevera na vontade de ser casta pela qual o corpo merece ser santificado, a violência da paixão de outrem não priva da santidade o corpo de quem santo se conserva pela perseverança na sua continência. E no mesmo lugar acrescenta, que a castidade, é uma virtude da alma companheira da fortaleza, que nos ensina tolerarmos antes, qualquer mal, que consentir nele.

RESPOSTA À TERCEIRA. – Como diz Agostinho, não é possível haver verdadeira virtude em quem não é justo; e é impossível ser justo quem não vive pela fé. Donde conclui, que nos infiéis não há verdadeira castidade, nem outra virtude qualquer, porque não se referem ao fim devido. E como no mesmo lugar acrescenta, as virtudes se discernem dos vícios, não pelos deveres, i. é, pelos atos, mas, pelos fins.

RESPOSTA À QUARTA. – A castidade, enquanto nos faz obrar de acordo com a razão, é essencialmente uma virtude; mas, enquanto faz-nos deleitarmos com o seu ato, é enumerada entre os frutos.

Art. 2 – Se a castidade é uma virtude geral

O segundo discute-se assim. – Parece que a castidade é uma virtude geral.

1. Pois, diz Agostinho, a castidade é um movimento ordenado da alma, que não submete o maior ao menor. Ora, isto é próprio de qualquer virtude. Logo, a castidade é uma virtude geral.

2. Demais. – O nome de castidade deriva de castiço. Ora, todos os movimentos da parte apetitiva devem ser castigados pela razão. E como todas as virtudes morais refreiam certos movimentos do apetite, parece que qualquer das virtudes morais é a castidade.

3. Demais. – A castidade se opõe a fornicação. Ora, parece que a fornicação pertence a todos os gêneros de pecado, conforme à Escritura (Sl 72, 27): *Acabaste com todos os que se entregam a fornicação contra ti*. Logo, a castidade é uma virtude geral.

Mas, *em contrário*, Macróbio a considera parte da temperança.

SOLUÇÃO. – O nome de castidade tem dupla acepção. – Uma própria; e então é uma virtude especial, com sua matéria especial, que é a concupiscência dos prazeres venéreos. – A outra é metafórica. Pois, assim como na união dos corpos consiste o prazer venéreo, matéria própria da castidade e do vício oposto, que é a luxúria, assim também uma certa união espiritual da alma com determinadas cousas produz um certo prazer, matéria da castidade espiritual, assim chamada metaforicamente, como também, semelhantemente, há uma fornicação espiritual metaforicamente dita. Assim, pois, chama-se castidade espiritual o deleitar-se o homem na união espiritual com o ser com que se deve unir, isto é, com Deus; e o abster-se da união deleitável com o que é proibido pela lei divina, conforme àquilo do Apóstolo (2Cor 11, 2): *Eu vos tenho desposado com Cristo, para vos apresentar como virgem pura ao único esposo*. E fornicação espiritual se chama a união deleitável da alma com tudo o que for proibido pela lei divina, segundo a Escritura (Jr 3, 1): *Tu porém te tens prostituído a muitos amadores*. E se se entender assim, a castidade é uma virtude geral, pois, todas as virtudes proibem a união deleitável da alma com cousas ilícitas. Mas principalmente essa castidade consiste por natureza na caridade e nas outras virtudes teologais, pelos quais a nossa alma se une com Deus.”

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Analise o papel das virtudes nas escolhas humanas conforme exposto por Santo Tomás de Aquino. Como as virtudes atuam como guias morais para as ações e paixões? Utilize exemplos práticos para ilustrar como as virtudes podem orientar uma pessoa em suas decisões diárias.
2. Discuta a visão de Santo Tomás de Aquino sobre a moderação das paixões pelas virtudes. Em que medida as paixões, como a ira e os prazeres, precisam ser controladas para evitar excessos? Ofereça exemplos concretos de como a falta de moderação pode levar a comportamentos moralmente errados.
3. Explique a importância da educação na formação das virtudes segundo São Tomás de Aquino. De que maneira o aprendizado e a prática constante de atos virtuosos moldam o caráter de uma pessoa? Analise como a escolha consciente pelas virtudes influencia a moralidade e o comportamento ao longo da vida.

4. Explore a ideia de que as virtudes morais são adquiridas pelo hábito, como defendido por Santo Tomás de Aquino. Como a repetição de atos justos e corajosos contribui para o desenvolvimento das virtudes? Discuta a relação entre hábito e moralidade, destacando a importância da prática constante para a consolidação das virtudes no caráter humano.
5. O que são as questões disputadas? Como se constroem?
6. Qual tema é exposto na questão disputada exemplificada e qual é a solução dada pelo Santo?



AULA 32

REALISMO E NATURALISMO – TEXTOS SELETOS II

Nesta aula analisaremos a história "Um Apólogo" de Machado de Assis para entender como os arquétipos da agulha e do novelo de linha representam a soberba no contexto do realismo-naturalismo brasileiro.

UM APÓLOGO



ra uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste

mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê?

Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?

— É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?



— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...

— Também os batedores vão adiante do imperador.

— Você é imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto... Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética.

E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima. A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile. Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário.

E quando compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora agora, diga-me quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá. Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

— Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faz como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico. Conteí esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

— Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

ARQUÉTIPOS E SOBERBA

A AGULHA: A SOBERBA DA CLASSE ALTA

A agulha, no conto de Machado de Assis, é um claro símbolo da classe alta, e sua atitude é marcada por um orgulho exacerbado. A personagem demonstra um senso de superioridade não apenas sobre o novelo de linha, mas também sobre o trabalho que este representa. A soberba da agulha é evidenciada por seu desprezo pelas contribuições do novelo e sua crença na própria importância e centralidade no processo de costura.

O diálogo da agulha revela sua visão elitista e desdenhosa. Ao afirmar que é ela quem "prende, liga, ajunta" e que a linha faz apenas o trabalho "subalterno", a agulha exibe um desprezo pelas funções mais discretas que sustentam o trabalho. Sua soberba é expressa na maneira como valoriza excessivamente seu próprio papel e minimiza a importância do novelo, que, apesar de ser fundamental, é visto como meramente subordinado.

O NOVELO DE LINHA: A HUMILDADE FORÇADA

Em contraste, o novelo de linha, representando a classe trabalhadora, não compartilha da soberba da agulha, embora ainda tenha o seu próprio grau de soberba. O novelo, mesmo sabendo de sua importância para o processo de costura, se vangloria pouco de seu papel e tenta diminuir menos a agulha. O novelo se aproxima mais de um tipo de dignidade silenciosa, que contrasta fortemente com a arrogância da agulha.

A CRÍTICA À SOBERBA

A crítica de Machado de Assis à soberba é evidente através da ironia e do contraste entre os personagens. A agulha, com sua postura soberba, acredita que é a peça central do processo, enquanto o novelo, com uma atitude mais modesta, é fundamental, mas permanece em segundo plano. Esta dinâmica reflete a crítica social de Assis à forma como as classes altas, frequentemente, se veem como superiores e indispensáveis, ignorando ou desconsiderando o papel crucial das classes trabalhadoras.

O alfinete, que aparece no final do conto, representa uma figura ainda mais elitista. Sua posição, de não se envolver diretamente no trabalho, mas de criticar tanto a agulha quanto o novelo, reforça a crítica à natureza egoísta e desdenhosa das classes altas que, mesmo sem contribuir diretamente para o trabalho, se sentem superiores. A observação do "professor de melancolia" que também se vê como uma agulha, revela a ironia da situação: ele se considera superior e importante, enquanto na realidade, também é subordinado às figuras mais ordinárias.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. O que representa cada uma das personagens de “Um Apólogo”?

2. Explique como a agulha representa a soberba da classe alta na história "Um Apólogo" de Machado de Assis. Em sua resposta, analise as atitudes e afirmações da agulha em relação ao novelo
3. Compare e contraste as características da agulha e do novelo de linha na história.

Como a história "Um Apólogo" de Machado de Assis reflete as preocupações do Realismo e Naturalismo com a condição social e a hierarquia?

The image shows a decorative book cover with a brown and white color scheme. The cover features a wide, ornate border composed of multiple layers. The outermost layer consists of a repeating diamond-shaped lattice pattern. Inside this is a band of stylized floral and leaf motifs. The central area of the cover is a large, plain white rectangle. In the center of this rectangle is a decorative frame containing the title. This frame has a semi-circular arch at the top and a matching inverted arch at the bottom, with small circles at the points where the arches meet the horizontal bars. The title is printed in a bold, serif font within this central frame.

LITERATURA – VOLUME 9

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

LITERATURA CATÓLICA – 2º ANO DO ENSINO MÉDIO – VOLUME 09

– Revisão dos séculos e períodos estudados ao longo do 2º Ano do Ensino Médio.

FINALIZAÇÃO

LINHA DO TEMPO DOS SANTOS

Durante este ano do Ensino Médio, elaboramos uma linha do tempo de todos os Santos que foram apresentados na disciplina de Literatura.

Ordenamos a linha do tempo de acordo com as datas de nascimento e falecimento de cada Santo, selecionamos frases significativas destes Santos e apresentamos suas imagens.

Neste volume, você concluirá a sua linha do tempo finalizando as ilustrações/imagens, as frases e deverá gravar um breve vídeo com fotos de cada trabalho elaborado.

Para elaborar este vídeo, você pode, com o auxílio do responsável, baixar um editor de fotos e vídeos gratuito e realizar o trabalho.

Orientações:

- Inicie com a sua foto e o seu nome escrito embaixo.
- Selecione a sequência de fotos de acordo com a linha do tempo.
- Partilhe o vídeo com os professores da disciplina e seus familiares, apresentando o que mais gostou nesta disciplina.

Ao término do Ensino Médio, você poderá encadernar estas folhas e recordar, com gratidão, todas as graças e estudos que foi realizando por meio de cada leitura. Se preferir, encaderne cada ano separadamente, formando três livrinhos menores para apreciação!

RESENHAS LITERÁRIAS

Em todos os volumes, após a *Leitura Mensal* proposta, você realizou uma resenha do livro lido, levando em conta os principais critérios vistos no Primeiro volume de Literatura, para guardar na memória e possa usar, futuramente, como consulta.

Agora você terá uma coletânea de boas indicações de leitura!

Em cada resenha, você considerou:

- Ponderações sobre o escritor.
- Título e contexto da obra e da narrativa.
- Resumo da obra lida.
- Frases que chamaram a atenção, personagens ou ambientes da narrativa.
- Comentários e apreciações, aspectos positivos da leitura.
- Motivo pelo qual recomendaria (ou não) a leitura feita.

COMO FAZER

- Finalize a leitura mensal proposta no volume anterior.
- Faça em folha de papel almaço ou sulfite, seguindo o mesmo padrão até o fim.
- Realize as atividades a tinta, realizando previamente um resumo, em folha à parte, para evitar o maior número de erros.
- Peça para que algum familiar ou amigo leia a resenha, faça comentários e avalie se foi claro, coeso e coerente ao escrever.
- A resenha deverá conter, no máximo, uma folha (frente e verso).
- Você pode escolher uma imagem do livro ou do escritor para ilustrar sua resenha.
- Guarde todas as resenhas em uma pasta (pasta catálogo de preferência) para unir com as dos próximos meses.

Livro de elaboração:

Padre Elias

Referência Bibliográfica

O'BRIEN, Michael. D. Padre Elias: Um Apocalipse. Campinas: Vide Editorial, 2014.

LITERATURA CATÓLICA



AULA 36

SANTO TOMÁS DE AQUINO

Objetivo: *Estudar o Te Deum de Santo Tomás de Aquino.*



Doutor Angélico, expoente e um dos maiores Santos da Igreja dispensa apresentações e elogios. Em toda a sua vida não há o que não tenha sido um modelo e exemplo de fé, moral e virtudes. Para recordar este expoente, iremos apresentar o poema atribuído a Santo Tomás de Aquino que é uma expressão rica de adoração e louvor a Deus, refletindo os principais aspectos da fé cristã, a relação entre a humanidade e a divindade, e a esperança na salvação. Vamos explorar os temas e as ideias principais contidas em cada estrofe.



Santo Tomás de Aquino

EM PORTUGUÊS

A Vós, ó Deus, louvamos e por Senhor nosso Vos confessamos.

A Vós, ó Eterno Pai, reverencia e adora toda a Terra.

A Vós, todos os Anjos, a Vós, os Céus e todas as Potestades;

A Vós, os Querubins e Serafins com incessantes vozes proclamam:

Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus dos Exércitos!

Os Céus e a Terra estão cheios da vossa glória e majestade.

A Vós, o glorioso coro dos Apóstolos,

A Vós, a respeitável assembleia dos Profetas,

A Vós, o brilhante exército dos mártires engrandece com louvores!

A Vós, Eterno Pai, Deus de imensa majestade,

Ao Vosso verdadeiro e único Filho, digno objeto das nossas adorações,

Do mesmo modo ao Espírito Santo, nosso consolador e advogado.

Vós sois o Rei da Glória, ó meu Senhor Jesus Cristo!
Vós sois Filho sempiterno do vosso Pai Onipotente!
Vós, para vos unirdes ao homem e o resgatares
não Vos dignastes de entrar no casto seio duma Virgem!

Vós, vencedor do estímulo da morte,
abristes aos fiéis o Reino dos Céus,
Vós estais sentado à direita de Deus,
no glorioso trono do vosso Pai!
Nós cremos e confessamos firmemente
que de lá haveis de vir a julgar no fim do mundo.

A Vós portanto rogamus que socorrais os vossos servos
a quem remistes com o Vosso preciosíssimo Sangue.
Fazei que sejamos contados na eterna glória,
entre o número dos Vossos Santos.

Salvai, Senhor, o vosso povo e abençoai a vossa herança,
E regei-os e exaltai-os eternamente para maior glória vossa.
Todos os dias Vos bendizemos
E esperamos glorificar o vosso nome agora e por todos os séculos.
Dignai-Vos, Senhor, conservar-nos neste dia e sempre sem pecado.
Tende compaixão de nós, Senhor,
compadecei-Vos de nós, miseráveis.
Derramai sobre nós, Senhor, a vossa misericórdia,
pois em Vós colocamos toda a nossa esperança.
Em Vós, Senhor, esperei; não serei confundido.

EM LATIM

Te Deum laudamus: te Dominum confitemur.
Te æternum Patrem omnis terra veneratur.
Tibi omnes Angeli; tibi cæli et universæ Potestates;
Tibi Cherubim et Seraphim incessabili voce proclamant:
Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus Deus Sabaoth.
Pleni sunt cæli et terra maiestatis gloriæ tuæ
Te gloriosus Apostolorum chorus,
Te Prophetarum laudabilis numerus,
Te Martyrum candidatus laudat exercitus.
Te per orbem terrarum sancta confitetur Ecclesia,
Patrem immensæ maiestatis:
Venerandum tuum verum et unicum Filium;
Sanctum quoque Paraclitum Spiritum.
Tu Rex gloriæ, Christe.
Tu Patris sempiternus es Filius.

Tu ad liberandum suscepturus hominem,
non horruisti Virginis uterum.

Tu, devicto mortis aculeo,
aperuisti credentibus regna caelorum.
Tu ad dexteram Dei sedes, in gloria Patris.
Iudex crederis esse venturus.

Te ergo quaesumus, tuis famulis subveni:
quos pretioso sanguine redemisti.
Aeterna fac cum sanctis tuis in gloria numerari.

(Adicionado posteriormente, contendo trechos do Salmos:)

Salvum fac populum tuum, Domine, et benedic hereditati tuae.
Et rege eos, et extolle illos usque in aeternum.
Per singulos dies benedicimus te;
Et laudamus Nomen tuum in saeculum, et in saeculum saeculi.
Dignare, Domine, die isto sine peccato nos custodire.
Miserere nostri Domine,
miserere nostri.
Fiat misericordia tua, Domine, super nos,
quemadmodum speravimus in te.
In te, Domine, speravi: non confundar in aeternum.

ESTRUTURA E TEMÁTICA

LOUVOR E CONFISSÃO

A abertura do poema estabelece um tom de reverência e reconhecimento da majestade de Deus:

"A Vós, ó Deus, louvamos e por Senhor nosso Vos confessamos."

Aqui, a invocação a Deus destaca a centralidade da adoração na vida espiritual. Santo Tomás convida todos a reconhecerem a soberania de Deus, enfatizando a necessidade de louvor.

A REVERÊNCIA DA CRIAÇÃO

A exaltação a Deus se estende à Criação:

"A Vós, ó Eterno Pai, reverencia e adora toda a Terra."

Este verso mostra a universalidade da adoração a Deus, onde toda a criação — anjos, céus e potências — se une em louvor. O uso de "Eterno Pai" revela a paternidade de Deus,

que é um tema recorrente nas Escrituras, mostrando a intimidade que os crentes podem ter com Ele.

A HIERARQUIA CELESTIAL

O poema continua a descrever a hierarquia dos seres celestiais:

"A Vós, todos os Anjos, a Vós, os Céus e todas as Potestades; A Vós, os Querubins e Serafins com incessantes vozes proclamam: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus dos Exércitos!"

A menção aos querubins e serafins, que proclamam a santidade de Deus, reflete a visão bíblica da adoração celestial, conforme encontrado em Isaías 6, 3. Esta repetição do "Santo" é um chamado à pureza e à perfeição divina.

O CORO DOS SANTOS

O hino continua a exaltar figuras significativas da fé:

"A Vós, o glorioso coro dos Apóstolos, A Vós, a respeitável assembleia dos Profetas, A Vós, o brilhante exército dos mártires engrandece com louvores!"

Aqui, São Tomás reconhece a importância dos apóstolos, profetas e mártires como intercessores e modelos de fé. Ele conecta a comunidade da Igreja à herança dos santos, enfatizando a continuidade da adoração através das gerações.

A TRINDADE

A referência à Trindade é clara:

"Ao Vosso verdadeiro e único Filho, digno objeto das nossas adorações, do mesmo modo ao Espírito Santo, nosso consolador e advogado."

A inclusão da Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) destaca a crença cristã fundamental de que todos são dignos de adoração. O Espírito Santo é apresentado como o consolador e advogado, essencial na vida dos crentes.

A ENCARNAÇÃO E REDENÇÃO

Um dos momentos centrais do poema é a reflexão sobre a Encarnação:

"Vós, para vos unirdes ao homem e o resgatares não Vos dignastes de entrar no casto seio duma Virgem!"

Esse verso aborda o mistério da Encarnação, enfatizando a humildade de Deus ao se tornar homem. É um reconhecimento profundo do amor divino pela humanidade e do sacrifício que Jesus fez.

A PROMESSA DA SALVAÇÃO

O poema expressa a esperança na salvação:

"Nós cremos e confessamos firmemente que de lá haveis de vir a julgar no fim do mundo."

Aqui, Santo Tomás reafirma a crença na Segunda Vinda de Cristo e no Juízo Final, lembrando aos fiéis da responsabilidade moral de suas vidas e ações.

APELO À MISERICÓRDIA

O hino culmina em um pedido de compaixão e misericórdia:

“Tende compaixão de nós, Senhor, compadecei-Vos de nós, miseráveis.”

Este apelo à misericórdia é um reconhecimento da fragilidade humana e da necessidade constante da graça divina. A ênfase na esperança em Deus é um tema reconfortante, que convida à confiança no amor e na bondade de Deus.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS ORALMENTE

1. A produção de Santo Tomás de Aquino é deveras inspiradora para a nossa vida espiritual. No caderno, escolha um ou mais versos e elabore uma reflexão particular a partir deles.
2. **Momento do ensino:** apresente ao educador, amigos e familiares o que recordou com esta aula e quais foram os principais ensinamentos transmitidos pelo Santos abordado.

– Apresente também qual foi o Santo ou assunto de Literatura Católica que mais chamou a sua atenção ao longo deste ano.

LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA – 2º ANO DO ENSINO MÉDIO

VOLUME 09

– Revisão dos gêneros e movimentos literários vistos ao longo do ano.



AULA 34

O BARROCO E NEOCLASSICISMO BRASILEIRO

***Objetivo:** esta aula tem como objetivo revisar o Barroco e o Neoclassicismo brasileiro enquanto tendências literárias contextualizando seu surgimento e suas características principais.*

INTRODUÇÃO: O SURGIMENTO DO BARROCO



O termo "barroco" é de origem portuguesa e, inicialmente, descrevia uma pérola irregular. Essa ideia de irregularidade reflete-se no estilo barroco, que surgiu no início do século XVII, em Roma, como uma reação ao artificialismo do maneirismo. Com o passar do tempo, o estilo passou a abranger não apenas as artes visuais, mas também a literatura, a arquitetura e a música.

No contexto da Península Ibérica, o Barroco foi profundamente influenciado pela fé católica, sendo marcado por uma tentativa de consolidar a doutrina católica oficial em contraposição aos movimentos protestantes. A literatura barroca, portanto, possuía um caráter fortemente religioso, com ênfase na catequese e na evangelização, refletindo os valores da Contrarreforma. No Brasil, esse estilo literário desenvolveu-se nas primeiras décadas após o Descobrimento, se destacando pela adaptação do Barroco europeu à realidade colonial brasileira.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO BARROCO BRASILEIRO

- **Dualidade Temática:** O Barroco brasileiro oscila entre uma visão antropocêntrica (focada no ser humano) e teocêntrica (focada em Deus). Esse conflito reflete-se em uma constante tensão entre o espiritual e o material, a fé e a razão, a salvação e a tentação.
- **Conflito Interior:** É comum que o Barroco retrate a luta interna entre o pecado e a virtude, o corpo e a alma, resultando em uma visão trágica da vida.
- **Expressão Religiosa e Catequética:** Muitos dos textos barrocos brasileiros foram compostos com o objetivo de catequizar, como é o caso dos Sermões de Padre Antônio Vieira, que utilizam a retórica e a eloquência para converter e instruir o público.

- **Complexidade Estrutural e Linguística:** O gosto por construções complexas, inversões sintáticas, e pelo uso frequente de figuras de linguagem como antítese, paradoxo, metáfora e hipérbole são características marcantes do estilo barroco.
- **Sensualismo e Culpa Cristã:** A idealização amorosa, frequentemente associada ao conflito entre o desejo carnal e a culpa cristã, também é uma constante na poesia barroca.

EXEMPLOS LITERÁRIOS

1. **Fernandes Brandão:** "Diálogos da Grandeza do Brasil": Este texto é um exemplo de como o Barroco brasileiro adaptou a forma clássica do diálogo para refletir sobre o descobrimento e a colonização do Brasil. Fernandes Brandão, senhor de engenho fixado na Paraíba, escreve em forma de diálogo, evocando a grandeza do Brasil e a relação deste com Portugal.

Excerto:

“Esta província do Brasil é conhecida no mundo com nome de América, que com mais razão houvera de ser pela terra de Santa Cruz, por ser assim chamada primeiramente de Pedro Álvares Cabral, que a descobriu [...]”

O diálogo aqui apresentado reflete o fascínio pela terra recém-descoberta, enfatizando tanto o aspecto religioso quanto o político do descobrimento do Brasil.

2. **Bento Teixeira:** "Descrição do Recife de Pernambuco": Em um poema descritivo, Bento Teixeira, nascido no Porto, utiliza a mitologia e a simbologia natural para descrever a costa de Pernambuco. No poema, o uso de referências mitológicas, como "Netuno" para descrever o mar, é característico do Barroco, que prefere uma descrição simbólica e exaltada em vez de uma descrição objetiva.

Excerto:

“Entre a praia e pedra descomposta, / O estanhado elemento se deriva / Com tanta mansidão, que uma fateixa / Basta ter à fatal Argos aneixa.”

CULTISMO E CONCEPTISMO NO BARROCO BRASILEIRO

Dentro do Barroco, surgiram duas tendências literárias distintas: o Cultismo e o Conceptismo.

1. **Cultismo:** Preocupação com a forma e a estética do texto. Caracteriza-se pelo uso abundante de figuras de linguagem, jogos de palavras e uma linguagem ornamental. O cultismo explora sensações, cores, sons e imagens vívidas, criando uma atmosfera sensorial rica.

Exemplo: O poema de Bento Teixeira, ao descrever o Recife, utiliza a mitologia para intensificar o impacto visual e simbólico.

- 2. Conceptismo:** Centrado na exploração de conceitos e ideias abstratas por meio da lógica e da argumentação. Essa tendência pode ser vista na obra de Padre Antônio Vieira, que utiliza construções complexas e raciocínios elaborados para persuadir e converter.

Exemplo: Nos Sermões de Vieira, o uso de argumentos racionais e lógicos é combinado com a eloquência e a retórica para transmitir uma mensagem de fé.

A LITERATURA BRASILEIRA E A PORTUGUESA: DISTINÇÕES

De acordo com Afrânio Coutinho, autor de *A Literatura no Brasil*, a literatura brasileira começou a se diferenciar da portuguesa ainda no período colonial, apesar de muitos considerarem que a literatura brasileira apenas surgiu com a independência política em 1822. Coutinho argumenta que, desde os primeiros anos de colonização, a adaptação à nova terra e o contato com novas realidades culturais e naturais deram origem a uma literatura que, embora influenciada pela tradição portuguesa, já apresentava características próprias.

Ele destaca que a mistura de culturas (europeia, indígena e africana), somada à realidade geográfica e social da colônia, criou uma nova forma de expressão literária que, embora nascida sob domínio colonial, já pode ser considerada genuinamente brasileira.

INTRODUÇÃO AO NEOCLASSICISMO OU ARCADISMO

O Neoclassicismo, também chamado de Arcadismo, surge como uma reação ao Barroco, buscando recuperar os princípios clássicos de harmonia, clareza e simplicidade nas artes e na literatura. O movimento, que se estendeu do século XVI ao XVIII, atingiu sua expressão máxima no Brasil no final do século XVIII, em meio ao contexto da colonização portuguesa. O movimento literário foi influenciado pela criação de academias literárias, conhecidas como Arcádias, que visavam combater o estilo barroco e retomar os ideais clássicos de equilíbrio e racionalidade.

Segundo Afrânio Coutinho, a literatura neoclássica no Brasil representava um retorno à tradição clássica, mas com singularidades próprias. Se em Portugal o foco estava no progresso material e nas questões de Estado, no Brasil, a literatura desse período apresentava um tom mais pessoal, com preocupações voltadas para o cenário social, político e cultural.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO ARCADISMO

- Imitação dos antigos: A busca por inspiração nos autores da Antiguidade, como Horácio e Virgílio.
- Racionalismo iluminista: Influência do Iluminismo, com a valorização da razão e da ciência.

- Estética da simplicidade: Valorização da simplicidade formal, com versos claros e harmônicos.
- Idealização da vida campestre: Busca pelo bucolismo, o refúgio na natureza como oposição à vida urbana.
- Fuga do Barroco: Rejeição ao exagero e à grandiosidade barroca em favor da medida e da harmonia.

SINGULARIDADES DO ARCADISMO NO BRASIL

O Arcadismo no Brasil não foi uma mera cópia do movimento português, mas adaptou-se ao contexto local, apresentando características próprias que prenunciavam o Romantismo. Três singularidades se destacam:

1. SINGULARIDADE: O LIRISMO PESSOAL BRASILEIRO

O Arcadismo brasileiro marca o início de uma literatura mais voltada para as questões nacionais, como a formação da identidade e os primeiros sinais de uma consciência política. A literatura árcade, principalmente em Minas Gerais, é caracterizada por um lirismo pessoal que vai além da simples imitação dos modelos clássicos. Os poetas brasileiros desse período abordam temas como a natureza, mas também questões sociais, políticas e culturais.

Autores como Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga foram fundamentais nesse processo. A poesia desses autores, apesar de inspirada nos modelos europeus, trazia um olhar novo e uma sensibilidade local. Como observa Coutinho, o Arcadismo mineiro foi o momento em que a literatura brasileira começou a ganhar autonomia em relação à portuguesa.

Exemplo:

- Tomás Antônio Gonzaga, em *Marília de Dirceu*, equilibra o lirismo pessoal com a idealização da natureza e o desejo de expressar os dramas internos dos personagens.

2. SINGULARIDADE: O DESEJO DE MUDANÇA

Outro aspecto importante do Neoclassicismo brasileiro é o desejo de transformação social. Muitas das obras árcades refletem a insatisfação com o governo colonial e a exploração econômica que dominava o Brasil no século XVIII. Essa insatisfação está clara em obras como as *Cartas Chilenas* de Tomás Antônio Gonzaga, que critica de forma satírica a administração corrupta em Minas Gerais.

Além da crítica social, outros autores do período, como José Bonifácio de Andrada e Silva, expressaram em suas obras o desejo de reformar o Brasil. José Bonifácio, por

exemplo, defendeu o fim da exploração dos índios e a reforma política para permitir maior integração social e econômica entre as diferentes classes.

Exemplo:

- Em *Cartas Chilenas*, Gonzaga denuncia os abusos do governo colonial através de uma sátira política mordaz, antecipando o engajamento social que seria marca do Romantismo.

3. SINGULARIDADE: A INTEGRAÇÃO DO HOMEM COM A NATUREZA

No Arcadismo brasileiro, a natureza não é apenas pano de fundo, mas parte integrante da construção poética e do drama existencial do poeta. Os autores buscavam uma idealização da natureza como forma de fuga da vida urbana e das suas complexidades. No entanto, essa integração era, muitas vezes, meramente poética, expressando o desejo de retorno a um estado mais puro e simples, como no mito do “Bom Selvagem”, popularizado por Rousseau.

Os poetas árcades brasileiros exploravam esse tema utilizando elementos da fauna e da flora locais para compor uma visão idealizada do Brasil. A referência à mitologia greco-romana também era frequente, o que conferia à poesia neoclássica uma alegoria complexa que unia o mundo clássico à realidade colonial brasileira.

Exemplo:

- Gonzaga, em *Marília de Dirceu*, recorre frequentemente a imagens da natureza brasileira para expressar suas emoções e reflexões sobre a vida e o amor, utilizando metáforas clássicas e bucólicas.

TENDÊNCIAS DA POESIA NEOCLÁSSICA BRASILEIRA

A poesia neoclássica no Brasil pode ser dividida em duas principais tendências:

1. **Tendência Horaciana:** Inspirada nos princípios do poeta romano Horácio, essa tendência valoriza a clareza, simplicidade e harmonia. O objetivo é alcançar a perfeição formal através de versos bem estruturados e temáticas serenas e controladas.
2. **Tendência Pré-Romântica:** Prefigura o Romantismo, trazendo elementos emocionais mais intensos, como o sentimentalismo e o lirismo pessoal. Os poetas dessa tendência, como Gonzaga, expressam sentimentos mais subjetivos e pessoais, muitas vezes através de uma idealização da vida no campo e da natureza.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS ORALMENTE

1. Explique como a tensão entre o mundo material e o espiritual é uma característica central do Barroco brasileiro, oferecendo exemplos de textos literários que ilustram essa oposição.
2. Compare as tendências do Cultismo e do Conceptismo no Barroco brasileiro, fornecendo exemplos específicos para cada uma das correntes e discutindo suas implicações estilísticas.
3. De acordo com Afrânio Coutinho, a literatura brasileira já se diferenciava da portuguesa mesmo antes da independência. Comente essa afirmação.
4. Explique como o Arcadismo brasileiro se diferenciou do Arcadismo português, destacando a singularidade do lirismo pessoal na literatura brasileira do século XVIII.
5. Analise como o desejo de mudança política e social se manifesta nas obras dos poetas árcades brasileiros, utilizando exemplos de Tomás Antônio Gonzaga e José Bonifácio de Andrada e Silva.
6. Com base no mito do “Bom Selvagem” de Rousseau, discuta como a idealização da natureza se insere na poesia neoclássica brasileira, relacionando-a com as características do Arcadismo.

HORA DE APRESENTAR!

Resuma o que aprendeu nesta aula, ensinando aos seus familiares e amigos sobre os tópicos retomados.

Ensinar é o melhor meio de ver se de fato aprendeu e de memorizar ainda mais profundamente o que foi assimilado.

Boa apresentação!